

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**

NICOLAS FERNANDO FERREIRA ALBERTINI

LITERATURA JAPONESA NA BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

São Carlos / SP

2025

NICOLAS FERNANDO FERREIRA ALBERTINI

LITERATURA JAPONESA NA BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora: Profa. Dra. Zaira Regina Zafalon

São Carlos / SP

2025

Albertini, Nicolas Fernando Ferreira

Literatura japonesa na Biblioteca Mario de Andrade /
Nicolas Fernando Ferreira Albertini -- 2025.

67 f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Zaira Regina Zafalon

Banca Examinadora: Camila Carneiro Dias Rigolin, José
Carlos Bastos Junior.

Bibliografia

1. Literatura japonesa. 2. Biblioteca Mario de Andrade.
3. Comunidade nipo-brasileira. I. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nicolas Fernando Ferreira Albertini

Literatura japonesa na Biblioteca Mario de Andrade

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia e Ciência da Informação,
pela Universidade Federal de São Carlos.

São Carlos, 27 de janeiro de 2025

Banca examinadora

Dra. Zaira Regina Zafalon
Universidade Federal de São Carlos

Dra. Camila Carneiro Dias Rigolin
Universidade Federal de São Carlos

Ms. José Carlos Bastos Junior
Prefeitura Municipal de São Carlos

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais, por todo apoio e incentivo incondicional que recebi durante a realização dessa pesquisa, permitindo a minha continuidade nesse tema incrível.

Sou muito grato à professora Zaira Regina Zafalon, especialmente pela paciência e confiança que depositou em mim desde o início da graduação, possibilitando a realização de pesquisa de iniciação científica. E, em segundo, pela generosidade, pelos *feedbacks*, pelo olhar atento e pela fé nas minhas habilidades, que foram essenciais a cada instante da produção desse trabalho.

Ao CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo aporte financeiro de bolsa, no percurso da iniciação científica.

À professora Camila Carneiro Dias Rigolin e ao bibliotecário José Carlos Bastos Junior pela participação na banca. Os inúmeros comentários, bem como os elogios, feitos na defesa foram extremamente valiosos para o aperfeiçoamento do meu TCC.

E, finalmente, a todos os meus colegas e amigos do curso. Em especial, agradeço Cristina Oliveira Romanin e Gabriel Kenji Missio que sempre estiveram na torcida por mim; Heloysa Pereira Ribeiro, Luiza Klein e Meliza Denisse Tranquilo González por todos os conselhos; e Yasmin Fattori Ventura de Moura que me ensinou o quanto a graduação pode ser divertida além de desafiante.

RESUMO

Essa pesquisa no âmbito dos estudos de memória, identidade e patrimônio tem como tema a literatura japonesa que, conjugada ao acervo da Biblioteca Mário de Andrade, configura o objeto de estudo. Ao longo dos anos, centenas de imigrantes japoneses vieram ao Brasil, trazendo consigo sua cultura, hábitos e experiências, resultando numa influência direta à sociedade brasileira. Com maior concentração na cidade de São Paulo, a comunidade japonesa conta com o Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil e com uma sede da *Japan House*. Em consonância a tessitura da pesquisa com a literatura japonesa, interessa-se também, pelo acervo da Biblioteca Mário de Andrade (BMA), em São Paulo. Isso porque, além de ser a segunda maior biblioteca do Brasil, destaca-se por sua missão de divulgar o acervo a pesquisadores nacionais e estrangeiros e por sua trajetória na formação de leitores e de intelectuais. É nesse cenário interessa-se pela questão de pesquisa: *Como a literatura japonesa está caracterizada na Biblioteca Mário de Andrade?*, com o objetivo de analisar a literatura japonesa no acervo dessa biblioteca. A pesquisa, com abordagem qualitativa, se configura como exploratória quanto aos objetivos, e de natureza aplicada. Para o alcance de seus objetivos adotou-se o uso de procedimentos bibliográficos e documentais, com o propósito de delinear o histórico da comunidade nipo-brasileira e da BMA, e o uso da análise de conteúdo para os resultados. Os dados foram obtidos após serem fornecidos pela instituição. O estudo resultou em uma proposta de reavaliação das políticas de indexação, coleções e catalogação da BMA, após se analisar os pontos de acesso dos recursos informacionais da literatura japonesa. Concluiu-se que a aplicação reformulada dessas políticas no acervo de literatura japonesa da Biblioteca Mário de Andrade, proporcionará outros olhares sobre o tema, maior visibilidade do acervo, deixando a recuperação dos recursos mais fluída e dinâmica.

Palavras-chave: literatura japonesa; biblioteca Mário de Andrade; comunidade nipo-brasileira.

ABSTRACT

This research, within the scope of memory, identity and heritage studies, focuses on Japanese literature, which, combined with the collection of the Mário de Andrade Library, constitutes the object of study. Over the years, hundreds of Japanese immigrants have come to Brazil, bringing with them their culture, habits and experiences, resulting in a direct influence on Brazilian society. With the largest concentration in the city of São Paulo, the Japanese community has the Historical Museum of Japanese Immigration in Brazil and a branch of the Japan House. In line with the research's focus on Japanese literature, the collection of the Mário de Andrade Library (BMA) in São Paulo is also of interest. This is because, in addition to being the second largest library in Brazil, it stands out for its mission of disseminating its collection to national and foreign researchers and for its trajectory in the formation of readers and intellectuals. It is in this context that the research question is: *How is Japanese literature characterized in the Mário de Andrade Library?*, with the aim of analyzing Japanese literature in the collection of this library. The research, with a qualitative approach, is exploratory in its objectives and applied in nature. In order to achieve its objectives, bibliographic and documentary procedures were used to outline the history of the Japanese-Brazilian community and the BMA, and content analysis was used for the results. The data were obtained after being provided by the institution. The study resulted in a proposal to reevaluate the policies for indexing, collections and cataloging the BMA, after analyzing the access points for information resources on Japanese literature. It was concluded that the reformulated application of these policies in the Japanese literature collection of the Mário de Andrade Library will provide new perspectives on the subject, greater visibility of the collection, and make the retrieval of resources more fluid and dynamic.

Keywords: japanese literature; Mário de Andrade library; japanese-brazilian community.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imigrantes japoneses em fazenda de café	12
Figura 2 - Imagens estereotipadas no livro, "A ofensiva Japonesa no Brasil	16
Figura 3 - Imigrante nipo-brasileiro trabalhando em um fábrica do Japão	20
Figura 4 - Fachada da <i>Japan House</i> em São Paulo	23
Figura 5 - Fachada da Biblioteca Mário de Andrade	28
Figura 6 - Saguão da BMA	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1	Comunidade japonesa no Brasil	11
2.1.1	Japoneses e o Estado Novo	14
2.1.2	Aspectos identitários da comunidade japonesa	17
2.1.3	A presença dos japoneses no Brasil	20
2.1.4	Literatura japonesa	25
2.2	A Biblioteca Mário de Andrade	26
2.2.1	O papel da BMA enquanto biblioteca pública	33
2.2.2	Atividades e serviços desenvolvidos pela BMA	36
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.1	Método para coleta de dados	40
3.2	Análise de conteúdo e categorização	41
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

Por um longo período de tempo, centenas de imigrantes japoneses vieram ao Brasil trazendo consigo sua cultura, hábitos e experiências, resultando numa influência direta à sociedade brasileira. Essa pesquisa, desenvolvida junto ao Grupo de Pesquisa Tecnologia em Ambientes Informacionais e Inovação (GPTAI), da Universidade Federal de São Carlos no âmbito dos estudos de memória, identidade e patrimônio, aborda a literatura japonesa que, conjugada ao acervo da Biblioteca Mário de Andrade (BMA), configura o objeto de estudo. Com vistas à investigação no acervo de literatura japonesa na biblioteca Mário de Andrade, interessa-se pela seguinte questão de pesquisa: *como a literatura japonesa está caracterizada no acervo da Biblioteca Mário de Andrade?*

A pesquisa está centrada na questão de memória, identidade e patrimônio cultural. Segundo Araripe (2004), patrimônio cultural constitui-se como uma série de conceitos que englobam desde o modo de pensar de determinadas comunidades, modo de viver e comportamento do homem, abrangendo aspectos formados pelo conhecimento, crenças, arte, moral, costumes, direito, hábitos adquiridos pelo homem como ser social, e sua capacidade de transmissão de geração em geração por aprendizado. E, ao levar em consideração a cultura japonesa que, devido à dimensão da comunidade nipo-brasileira, exerce forte influência no Brasil. Aliado a isso, há que se considerar que a cidade de São Paulo concentra a maior parte dos nipodescendentes; também é nessa cidade que está situada a Biblioteca Mário de Andrade. Interessa-se, portanto, em estudar a relação entre o acervo da BMA, haja vista o significativo papel que desempenha para os paulistas, e a literatura japonesa.

De acordo com notícia veiculada em Alesp (2008) a participação da comunidade japonesa no Brasil se dá há muito tempo e nos mais diversos âmbitos: social, artístico, cultural, tecnológico. Desde 1908, com grande ocorrência até 1973, navios com centenas de japoneses desembarcaram no Brasil. Segundo Diniz (2017), há pelo menos 400 mil pessoas de origem japonesa¹ que vivem na cidade de São Paulo, e Rosa (2019) afirma que a nação brasileira concentra a maior comunidade japonesa fora do Japão.

¹ Identificados como *nikkeis*.

A grande São Paulo conta com a presença de inúmeras instituições, associações e escolas para aprendizado do idioma japonês, além de contar com um museu dedicado à história da imigração japonesa, o Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, e com uma sede da *Japan House*, financiada inteiramente pelo Governo do Japão com o propósito de fomentar a cultura japonesa na sociedade brasileira (Japan House, 2022).

Pode-se observar que a partir disso, existe uma forte conexão entre dois países, mesmo estando em lados opostos do planeta, com mais de 17 mil quilômetros de distância entre eles. Com o movimento de globalização, impulsionado pela instantaneidade da conexão digital, essa ligação aumentou, indicada tanto pela influência da cultura japonesa no Brasil quanto pela representação nipo-brasileira naquela nação; Rossini (2004) enfatiza que são mais de 300 mil nipo-brasileiros vivendo em território japonês graças à herança genética que eles possuem, constituindo uma das maiores comunidades de imigrantes na Terra do Sol Nascente, o que gera uma força trabalhadora para o Japão. Esses elementos, desencadeiam uma complexa rede de identidades e histórias, refletindo inclusive na literatura japonesa.

Em consonância com a tessitura da pesquisa com a literatura japonesa, abrangendo a questão de memória, identidade e patrimônio, é que se dá o interesse pelo acervo da Biblioteca Mário de Andrade (BMA), em São Paulo. Isso porque é a segunda maior biblioteca do Brasil, logo após a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e que se destaca pela missão de “[...] divulgar seu acervo a todos os pesquisadores nacionais e estrangeiros [...]” (São Paulo, 2022). A BMA possui um acervo imenso, pois de acordo com Silveira (2012a) a biblioteca possui mais de 3 milhões de itens, desde livros e periódicos até materiais audiovisuais, a instituição possui também uma seção de obras raras, com os mais variados assuntos, uma seção circulante, com uma quantidade expressiva de volumes de livros – em sua maioria obras que contemplam a literatura, tanto brasileira quanto a estrangeira, com o objetivo de atender as necessidades de um público diverso –, e uma seção especializada em artes, ademais o acervo da BMA sofreu diversas modificações ao longo dos anos; a preocupação sempre esteve ligada à atualização do patrimônio, sendo necessária diversas mudanças, quer seja no acervo ou no próprio edifício.

Além do mais, Silveira (2012a) destaca que a BMA é única por toda a rica história que gerou na cidade de São Paulo e por ter sido uma instituição que serviu de

inspiração para inúmeras pessoas, como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e o romancista Ignácio de Loyola Brandão que salientam a biblioteca como o principal pilar de suas formações. Outrossim, a BMA oferta diversos tipos de serviços, inclusive num período em que a conectividade era limitada, o que faz com que ela se volte ao cumprimento de seu papel social enquanto biblioteca pública

Partindo da questão problema de pesquisa, o objetivo geral definido é o de *analisar as obras de literatura japonesa na BMA*, tendo os seguintes objetivos específicos: [1] expor a configuração e a contribuição da comunidade japonesa no Brasil; [2] analisar o histórico e a proposta da BMA, enquanto biblioteca pública; [3] caracterizar a coleção identificada; [4] apurar que tipos de atividades, serviços e produtos são desenvolvidos pela BMA para ampliar a divulgação do acervo de literatura japonesa à comunidade *nikkei*.

A pesquisa, que tem abordagem qualitativa, se configura como exploratória quanto aos objetivos, descritiva, e aplicada quanto à natureza. Para o alcance de seus objetivos propôs-se a adoção de procedimentos bibliográficos, aderindo-se a revisão narrativa, e procedimentos documentais. Para a análise dos resultados, utilizou-se a análise de conteúdo categorial, estruturado de modo que seja possível estabelecer uma filtragem dos dados para interpretação qualitativa, criando-se assim categorias para os elementos catalográficos obtidos. Sendo a categorização composto por: [1] Títulos; [2] Autores; [3] Editoras; [4] Idiomas; [5] Ano de lançamento; [6] Seção; [7] Assunto; [8] Nacionalidade dos autores. Por meio dessas categorias será possível refinar os dados, e traçar o tipo de caracterização da literatura japonesa na Biblioteca Mário de Andrade.

Tendo como base esses objetivos, a pesquisa pretende contribuir para dar maior visibilidade ao acervo de literatura japonesa na BMA, bem como criar oportunidades de aproximação da comunidade nipônica com o acervo dessa biblioteca, e incentivar a realização de futuras pesquisas abordando a temática sobre representatividade da produção literária de diferentes comunidades nas mais diversas bibliotecas. Além disso, espera-se que os resultados possam colaborar com a BMA, para futuras reinterpretações do tratamento de seu acervo, seja ampliando-o ou atualizando-o.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico elementar deverá saldar conteúdos atinentes à configuração da comunidade japonesa no Brasil e, em especial, na cidade São Paulo; à relação dos japoneses com o período do Estado Novo; à presença dos japoneses para o Brasil; aos aspectos identitários da comunidade japonesa; à literatura japonesa; ao histórico da biblioteca Mário de Andrade; à proposta enquanto biblioteca pública; e às atividades e serviços desenvolvidos pela BMA para divulgar seu acervo de literatura japonesa. Para isso, adotou-se o método de revisão narrativa da literatura.

Segundo Rother (2007), a revisão narrativa é uma recapitulação detalhada das publicações contidas em livros, artigos científicos em meio eletrônico ou impresso e jornais, não havendo um método específico para determinar a escolha desses materiais, uma vez que essa revisão garante uma análise teórica contextual que beneficia o leitor que tem o desejo de obter conhecimento ou atualização de um determinado tema. Essa perspectiva vai ao encontro da proposta de Andrade (2021), haja vista que a revisão narrativa tem como propósito mapear o conhecimento produzido numa área, sem firmar um critério para a busca, uma vez que ela abrange todas as informações de um tema, ao invés de sistematizá-lo.

2.1 Comunidade japonesa no Brasil

Rosa (2019) apresentou dados de que a comunidade japonesa cresceu exponencialmente: são aproximadamente dois milhões de japoneses e descendentes vivendo no Brasil, com concentração na cidade de São Paulo, especialmente localizados no bairro da Liberdade, com arquitetura e ideogramas nas fachadas de prédios: “[...] o maior reduto da comunidade japonesa na capital que, por sua vez, abriga a maior colônia japonesa do mundo fora do Japão.” Cidades como Assái (Paraná), Ivoití (Rio Grande do Sul) e Tomé-Açu (Pará) centralizam grande quantidade de *nikkeis*; esses lugares, estimulados pela influência da cultura japonesa, tem tradicionais eventos e festas dessa modalidade.

De acordo com Diniz (2017), o principal motivo da vinda dos japoneses para o Brasil se deu tanto pelo interesse do Japão quanto do Brasil. Segundo Alesp (2008), o arquipélago japonês passava por profundas transformações sociais iniciadas na era Meiji em 1868, uma vez que a ocidentalização constante modificava o tecido social do país, provocando mudanças políticas e econômicas, ocasionando em uma explosão

demográfica; para solucionar o volumoso contingente populacional, a resposta foi vir ao Brasil que carecia de trabalhadores nas plantações de fazendas de café desde a abolição da escravidão em 1888. Com isso, um acordo comum entre os dois países foi estabelecido, e no dia 18 de junho de 1908, há mais de um século, o Brasil recebia seus primeiros imigrantes japoneses para trabalharem nas fazendas de café da região sudeste.

Figura 1 - Imigrantes japoneses em fazenda de café



Fonte: História da Imigração (2018?)

De acordo com Takeuchi (2009), Tóquio tinha interesse no sucesso que os camponeses empobrecidos fariam em uma nova vida em outras terras, que inclusive, auxiliaria o Japão, mesmo que de longe, na produção de matérias primas. Sasaki (2006) afirma que o governo japonês era quem financiava as propagandas sobre o Brasil, custeando as viagens de famílias inteiras, fazia o recrutamento, além de subsidiar o estabelecimento dessas pessoas em território brasileiro.

A imigração japonesa no Brasil tem como marco inicial a chegada do navio Kasato Maru, em Santos, no dia 18 de junho de 1908. Do porto de Kobe a embarcação trouxe, numa viagem de 52 dias, os 781 primeiros imigrantes vinculados ao acordo imigratório estabelecido entre Brasil e Japão, além de 12 passageiros independentes. (Alesp, 2008).

A partir desse momento, inicia-se a longa trajetória japonesa no Brasil, cujos primeiros imigrantes sofrem demasiadamente com processo de adaptação. Os

japoneses que acabavam de chegar ao Brasil a bordo do navio *Kasato Maru*, foram distribuídos em seis fazendas de café pelo estado de São Paulo; porém, houve um abandono gradativo desses locais, não permanecendo por mais de dois meses na rotina árdua que havia nas fazendas (Alesp, 2008). Em setembro de 1909, outro navio com imigrantes japoneses chegava ao Brasil, o *Ryojun Maru*, que aportou em Santos com 906 trabalhadores a bordo; este grupo enfrentou as mesmas adversidades que seus compatriotas que haviam chegado um ano antes, e o mesmo processo de abandono dos locais de trabalho aconteceu. Além disso, Sasaki (2006) afirma que ao longo do período entre 1925 e 1934 chegaram mais de 120 mil japoneses ao Brasil para suprir a mão de obra na lavoura cafeeira.

Takeuchi (2009) argumenta que o trabalho braçal nas fazendas cafeeicultoras se equiparava à semiescravidão (o que motivava a fuga dos japoneses) visto que a elite agrária brasileira considerava os orientais mais dóceis² do que os imigrantes europeus, especialmente os italianos, que não concordavam com as práticas de exploração.

Por não conseguiram adaptar-se ao contexto das fazendas de café, os imigrantes japoneses se viram abalados pela falsa propaganda do Estado Japonês de riqueza rápida, que os incentivava a vir para o Brasil. Ao constatarem que isso não se concretizaria, muitos deles formalizaram a compra de terras, através de muito esforço, sucedendo-se ao longo do tempo, uma espécie de colonização japonesa.

Tratando-se da formação de imigrantes, Paiva (2011) argumenta que as migrações são um fenômeno social complexo, uma vez que deslocamentos populacionais leva a constituição de novos territórios envolvidos em relações, econômicas, históricas, culturais, ambientais e políticas num dado espaço, por isso as migrações são portadoras de multiplicidade que modificam as expectativas das sociedades receptoras. Paiva (2011) acrescenta que, ao aceitaram os imigrantes como uma força trabalhadora, cria-se um descompasso de expectativas que se evidenciam à medida que os imigrados demonstram capacidade de modificar a sociedade em que se inseriram, muitas vezes em grande peso.

Para exemplificar esse processo, Paiva (2011) utiliza como exemplo a comunidade japonesa, concentrados em sua maioria na porção central da cidade de

² Os termos sublinhados nas paráfrases, são expressões específicas utilizadas pelos próprios autores. Essa marcação visa manter a fidelidade aos textos originais.

São Paulo, cuja formação se deu por uma série de fatores entre o final do século XIX e início do XX, como o fim da escravidão, o fim do Brasil Império, expansão da rede de bondes, de água, esgoto, iluminação pública etc. Todos esses fatores proporcionaram aos imigrantes que recém chegavam uma estrutura para se fixarem na capital paulista, provocando um adensamento de populações variadas, especialmente de japoneses e italianos, criando-se assim o bairro da Liberdade, sendo um dos lugares mais singulares no contexto de territórios da cidade de São Paulo.

Além disso, Paiva (2011), explicita que foi no ano de 1912 que um grupo de japoneses instituiu sua presença nessa região de São Paulo, pela atração dos aluguéis baratos, e da proximidade com o centro da cidade, sendo que em pouco tempo criaram empórios, pequenos comércios de gênero alimentício, hospedaria, além da criação da escola primária Taisho em 1915, e do hotel Ueji.

A partir desses entendimentos, nota-se como se iniciou a formação da comunidade japonesa no Brasil, e em especial na metrópole paulista.

Portanto, a fim de contextualizar essa história, o próximo subtópico trata de um ponto importante sobre o processo de degradação das relações entre os brasileiros e os imigrantes japoneses.

2.1.1 Japoneses e o Estado Novo

O Estado Novo foi um período ditatorial autoritarista que durou de 1937 a 1945. Pompéo (2018), argumenta que após o golpe de estado executado por Getúlio Vargas houve inúmeros atos de violência e repressão na sociedade brasileira, inclusive tinha-se o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que era encarregada de censurar o teatro, cinema, literatura, imprensa etc.

Duarte (1997) afirma que durante o Estado Novo, período marcado pelo governo do ditador Getúlio Vargas, que se teve início o “[...] estranhamento ao estrangeiro [...]”, com uma série de preconceitos contra imigrantes, gerando fiscalização de atividades e a determinação de um decreto que indicava aqueles que não fossem nativos do Brasil como um potencial inimigo da civilização. Em 1942, as represálias do governo Vargas aumentaram: foi instituída uma ordem de imediata evacuação das principais ruas do bairro da Liberdade, muitas famílias japonesas possuíam comércio, o que acarretou na completa paralisação das atividades até 1945; e depois uma nova ordem estipulou a desocupação de hotéis e pensões; o principal

objetivo do governo naquele período, era a suspensão dos direitos legalmente constituídos para exercerem o controle e cerceamento da cidadania, por meio dessas práticas (Duarte, 1997). Sakurai (2007) indica como perigo amarelo, a identificação de japoneses como ameaça à nação brasileira; o sucesso desses imigrantes nas colônias dirigidas por eles, pela prática da policultura em pequenas propriedades, era uma sinalização de que queriam supostamente colonizar o Brasil pelo Japão. Ueno (2019) salienta que tais ações, identificadas como perigo amarelo, foram provocadas pelo expansionismo e militarismo do Japão, frente ao seu papel durante a Segunda Guerra Mundial, acarretando no discurso antinipônico.

Ischida (2010), ressalta que o perigo amarelo, legitimou práticas abusivas e repressivas por parte do governo getulista, uma vez que os japoneses passaram a ser imigrantes indesejados e os discursos raciais passaram a ser oficializados. O sucesso dos japoneses em gerir as colônias pelo Brasil, assim como a instalação de escolas, ambulatórios, máquinas de beneficiamento de grãos, levavam políticos a dizer que isso era uma espécie de complô japonês e que em breve eles estariam dominando o Brasil.

Em meados da década de 30, Sakurai (2007), enfatiza que o governo brasileiro proibiu a vinda de novos imigrantes japoneses ao país, pelo fato de o Japão estar envolvido na Segunda Guerra Mundial; promovendo uma gama de discursos antinipônicos. Segundo Ischida (2010), as características e traços faciais dos japoneses estiveram vinculados a discursos antiestéticos, presentes em jornais, charges, declarações políticas até o fim da grande guerra.

Ademais, Takeuchi (2009), aponta que o governo do estado de São Paulo, havia cessado os subsídios as colônias japonesas, pelo medo infundado de que a presença dos asiáticos era como uma infiltração do Império Japonês, cujo objetivo estava em expandir o território, e mediante a ascensão do Estado Novo ocorre o alastramento da segregação contra nipônicos, além da reprodução de todo tipo de ideias xenófobas, justificadas por pensadores da época.

Separação, desemprego e futuro incerto foram as perspectivas imediatas dos membros da comunidade japonesa. Enquanto “inimigos” foram excluídos das empresas “aliadas”, caso do japonês Hayato Nakaoka. Funcionário havia oito anos da firma norte-americana Singer Sewing Machine Co., perdera o emprego “devido à situação atual”, e solicitara permissão de transferir sua residência de Paraguassú (SP) para a Fazenda Bastos, Tupã (SP), com a família para lavrar as terras do sogro a fim de «ficar ao abrigo da miséria». Assim como para Nakaoka, a saída de muitos imigrantes fora retornar ao começo, ou seja, à atividade agrícola (Takeuchi, 2009, p. 07).

Santos (2016), expressa quais foram as medidas tomadas pelo governo naquele período, entre elas foi estabelecido de que os estrangeiros não poderiam se unir em grupos para atividades ou reuniões de qualquer natureza, estavam proibidos de utilizarem o idioma nativo, ter ou vender utensílios e objetos vindos do país de origem, e proibição da circulação dos jornais em língua japonesa. As crianças japonesas iam as escolas da colônia no período noturno, enquanto os professores ficavam sob o risco de serem presos, e os materiais didáticos advindos do Japão confiscados e queimados. Tanno (2021) destaca que em 1942, o governo havia permitido o confisco dos bens dos japoneses, proibição de imagens do imperador nas casas das famílias japonesas ou bandeiras do Japão, ocasionando na perseguição dos imigrantes e seus descendentes por todo o período da Segunda Guerra Mundial. Oliveira (1997) sublinha que nesse período, a comunidade japonesa viveu um isolamento cultural, além de muitos estarem na ilegalidade por não conseguirem assimilar a cultura brasileira, e ao receberam apoio do governo japonês com o envio de materiais escolares para as crianças das colônias.

Figura 2 - Imagens estereotipadas no livro, “A ofensiva Japonesa no Brasil”



Fonte: RevistaUsp (2018)

O período antinipônico, só veio ter fim com o desfecho da guerra, com a derrota das nações do Eixo e a rendição do Japão. As práticas xenofóbicas promovidas pelo

Estado Novo foram cessando, e com o país natal destruído pela guerra, os japoneses viram-se obrigados a permanecer em solo brasileiro, e ao longo do tempo sua cultura foi se incorporando a brasileira em diversos pontos.

O próximo subtópico detalha aspectos importantes a respeito da identidade da comunidade nipo-brasileira para se ter um maior entendimento a respeito do grupo, apesar de o Japão ser um país homogêneo, é um território com múltiplas identidades, e isso também está presente no Brasil com a comunidade nipo-brasileira por meio de diversas formas. É importante salientar como essas identidades também influenciam o país culturalmente.

2.1.2 Aspectos identitários da comunidade japonesa

A construção da identidade japonesa associada ao nacionalismo exacerbado iniciou-se em meados da era Meiji, de 1868 a 1912 (Sakurai, 2007). Nas palavras de Pires (2016) o estereótipo acerca dos japoneses e sua identidade está justamente no fato de considerarem o povo japonês como pertencentes a um único grupo ético, cultural, e religioso, cuja imagem de homogeneidade fortalece esse pensamento predominante no imaginário coletivo de inúmeros países. Essa visão está carregada de preconceitos, sendo parte de uma concepção ocidental eurocêntrica que identifica os asiáticos e orientais de uma forma simplista.

No Brasil, a visão do que é considerado ser nipo-brasileiro também tem suas caracterizações. Suda (2005) mostra que os nipodescendentes sentem que a perspectiva atrelada a eles por parte dos brasileiros é sempre positiva, pois é esperado que sejam inteligentes e que atendam a determinadas concepções, e a visão positiva pode se tornar negativa dependendo do contexto, funcionando como ferramenta de exclusão.

Ademais, Suda (2005) releva que a identidade dos nipo-brasileiros não corresponde ao que está ligado a eles, e que sua cultura e identidade são a de nipodescendente, ou seja, apresenta traços da cultura japonesa e brasileira gerando uma hibridização, e que inclusive há subdivisões nessa comunidade.

[...] entre os japoneses e brasileiros; entre japoneses do Brasil (nipo-brasileiros) e japoneses do Japão; entre japoneses do Espírito Santo e japoneses de São Paulo; entre japoneses mais abrasileirados e japoneses mais tradicionais no Espírito Santo; entre mestiços e “japoneses puros”. (Suda, 2005, p. 152).

A comunidade nipo-brasileira é marcada pela subdivisão entre grupos,

especialmente entre os descendentes de *Nikkeis* (Japão) e os Okinawanos (Okinawa). Souza (2009) destaca que existem diferenças muito marcantes entre eles, incluindo diferenças éticas, onde a hostilidade contra o Japão continental aumentou nos okinawanos imediatamente após sua anexação em 1879; sempre houve uma corrente de insatisfação por serem tratados como cidadãos de segunda classe; esses aspectos se transferiram, inclusive, para a população nipo-brasileira, acarretando o seu processo de construção identitária.

Pires (2016) ressalta que as diferenças entre os descendentes de okinawanos e japoneses se dão nas mais diversas esferas, na sua culinária, nas festividades, religião, e até mesmo nas associações. Okinawa se sobressai por ser diferente do restante do Japão, particularmente em panoramas culturais e pela diferença linguística. Quando os imigrantes dessa região chegaram ao Brasil, mantiveram seus hábitos vivos e os transmitiram para outras gerações. Pires (2016), inclusive, ressalta que na comemoração do centenário da imigração japonesa no Brasil (uma celebração e homenagem de grande porte) em 2008, os okinawanos realizaram sua própria comemoração, o que reforça ainda mais sua identidade okinawana; estimulando o processo de discriminação por parte dos japoneses e de seus descendentes que, devido às peculiaridades culturais dos okinawanos, são chamados de japoneses de araque.

No Brasil, a junção dos descendentes de japoneses se fortalece essencialmente por meio das associações criadas por eles. Kajimoto, Cavalcante e Vitoriano (2017) apontam que essas instituições preservam a memória e legitimam a identidade do grupo. Entretanto, ao longo dos anos, os japoneses começaram a integrar nas instituições brasileiras e vice-versa, provocando mudanças identitárias.

O papel das associações frente a comunidade *Nikkei* visa garantir sobretudo, o sentimento de pertencimento, além de serem locais para conservarem a memória. Porém, com a forte influência da cultura oriental os que não são nipodescendentes, como membros das associações, tem provocado uma mudança direta nos discursos de identidade.

Nakamura e Crippa (2014) ressaltam que o distanciamento pelas gerações mais jovens das tradições e ensinamentos dos membros mais velhos da comunidade *Nikkei*, fez com que houvesse mudança na identificação com a cultura de origem: agora a aproximação cultural se dá por meio de animes, games, músicas, doramas e mangás, que propiciaram a difusão dos costumes e hábitos japoneses com a ajuda

das tecnologias digitais.

A transmissão da cultura japonesa, por meio do pop japonês com ajuda das atuais tecnologias provocaram a reinvenção de costumes e valores dos nipo-brasileiros. Carlos (2010) afirma que essa gama de produtos midiáticos japoneses, ocasionaram uma série de eventos e festividades com a temática dos animes e cultura japonesa; a interação com esse conteúdo faz com que os nipo-brasileiros repensem sua identidade, ou que neguem a assimilação desses elementos culturais em um extenso jogo de negociação.

Outro ponto que merece visibilidade sobre a questão identitária é o movimento decasségui, (em japonês, originalmente significa sair de casa para trabalhar fora) sendo considerado a imigração de retorno dos nipônicos para o Japão, esse movimento foi responsável por provocar uma nova identidade. Oliveira (1997), afirma que o fluxo migratório dos nipodescendentes do Brasil para o Japão teve início em meados dos anos 80, período de ascensão econômica do Japão, enquanto o Brasil estava em recessão. Sasaki (2006), sublinha que o contexto da crise econômica brasileira fez com que inúmeros *nikkeis* optassem pelo trabalho no Japão, pois como eram descendentes diretos das primeiras e segundas gerações, entraram no país sem problemas. Entretanto essa não é uma imigração de retorno, visto que os japoneses que vieram para o Brasil, e os descendentes que foram para o Japão se deu por contextos distintos.

Oliveira (1997) destaca que os primeiros impactos dos nipo-brasileiros assim que chegaram ao Japão foram um tanto quanto péssimas: aqueles que estiveram mais próximos da cultura japonesa no Brasil e as lembranças que os netos de japoneses guardam, é de um Japão que não é o mesmo, e nem mesmo a língua é igual. Além disso, os hábitos regrados e hierarquizados de comportamento causam uma sensação de aprisionamento, e o ritmo de trabalho imposto também gera desconforto para muitos dos nipo-brasileiros ali presentes. A partir do ponto em que não se veem como japoneses de fato, eles passaram a se identificarem como brasileiros, que contraditoriamente quando estavam no Brasil, eram vistos como japoneses.

Figura 3 – Imigrante nipo-brasileiro trabalhando em um fábrica do Japão



Fonte: História da Imigração (2018?)

Suda (2005) salienta que a identidade nipo-brasileira não é vivida sem crises, pois existem diversas subdivisões entre a comunidade que vão desde a origem étnica, de geração, da percepção que a maioria dos brasileiros tem, e a questão dos decasségus, mostrando o quão diverso é o grupo. O fato de o Brasil abrigar a maior população de japoneses fora do Japão, e devido a todas as relações culturais em variados campos e áreas sociais, a identidade desses indivíduos varia devido a contextos geográficos, e de descendência, por isso se faz necessário entender as variações dessa identidade. Por conseguinte, nota-se o quanto a comunidade nipo-brasileira é diversificada, e o quanto sua identidade varia entre diferentes grupos.

Desta maneira, a partir do entendimento das relações sociais dessa comunidade, o próximo subtópico destacará a presença desse grupo para o Brasil, desde a sua chegada em 1908.

2.1.3 A presença dos japoneses no Brasil

Devido ao desfecho da Segunda Guerra Mundial, o sonho de muitos imigrantes japoneses de retornarem à sua pátria se esvaneceu. Santos (2016) enfatiza, que apesar do nacionalismo exacerbado dos japoneses que vieram antes da guerra, eles não tiveram escolha a não ser ficar e aceitar algumas das características e valores da sociedade brasileira; é a partir das próximas gerações que descendentes desses

imigrantes viriam a ser mais abertos para adaptarem-se à cultura brasileira, tornando-se este o início da identidade nipo-brasileira.

Segundo Ischida (2010), a vinda de japoneses para o Brasil seria algo apenas temporário, uma vez que visavam o enriquecimento rápido, e a volta para a terra natal o quanto antes, porém o Japão estava devastado pela guerra, sofrendo com as consequências que as ogivas nucleares desencadearam nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, e a permanência em solo estrangeiro se tornou necessária para a sobrevivência e o bem-estar das muitas famílias japonesas. Ademais, outro fator que impulsionou a vinda de imigrantes japoneses ao Brasil, além do rastro de destruição que os conflitos haviam deixado em solo japonês, era que o país precisava escoar o excedente populacional (os mais de 6 milhões de repatriados que tinham retornado de suas antigas colônias na Ásia). No Brasil, a questão econômica sobreveio outra vez e o governo cede e aceita a vinda de mais japoneses; o objetivo era de que eles acrescentassem seus conhecimentos sobre agricultura nas regiões norte e nordeste do Brasil para alavancá-las economicamente. Portanto, o desenvolvimento da agricultura no Brasil foi uma das maiores vantagens fornecidas pelos japoneses.

Sakurai (2007) aponta que, a partir de 1930, os japoneses ganharam visibilidade por sua produção agrícola nas novas terras conquistadas, quase acabando com o monopólio do café no estado de São Paulo, favorecendo a prática da policultura para fins comerciais. Logo, começou-se a falar da vocação agrícola dos japoneses, sendo especialmente reforçado pelas cooperativas agrícolas que criavam, onde novos itens passaram a fazer parte dos mercados, como carne de frango e ovos, além de uma maior variedade de verduras, frutas, legumes e até flores. A visibilidade dos imigrantes japoneses no campo da agricultura é destaque no artigo de Konagano (2017), ao ressaltar que as primeiras famílias que chegaram à Região Amazônica em meados da década de 1920, fundaram uma cooperativa agrícola com o intuito de colonizarem aquela área, e logo após a Segunda Guerra Mundial, a demanda por alimentos aumentou, promovendo a prática da monocultura na região, tornando o Brasil líder na produção de pimenta do reino naquele período. Homma (2012), afirma que a economia do estado do Amazonas logo com a chegada dos japoneses 21 anos depois do desembarque do navio *Kasato Maru*, cresceu exponencialmente, devido a introdução de recursos de biodiversidade exógena, ou seja, iniciaram a plantação de frutos que antes não estavam presentes na Amazônia.

Homma (2012), afirma que a partir da colonização japonesa no norte do Brasil,

houve uma mudança no hábito alimentar dos brasileiros nessa região do país, devido a introdução do consumo de hortaliças.

É interessante notar a influência produzida pelos japoneses nesse campo, e como continuam gerando depois de todos esses anos. Ischida (2010) salienta que olhares como esse acontecem porque a população *nikkei* sempre priorizou a educação desde o momento que se estabeleceram no Brasil, e esse hábito se fortaleceu quando decidiram pela permanência em solo estrangeiro.

Para Ischida (2010), a conjectura do imigrante japonês preocupado com a educação dos filhos é vista como uma peculiaridade, uma vez que outros imigrantes presentes em solo brasileiro não partilhavam dessa mesma preocupação; cerca de 80 anos depois da chegada dos primeiros imigrantes, a priorização pelo ensino continua sendo tema de discussão, uma vez que a valorização pelo saber e capital social favoreceram esse grupo: em 1977, apesar de os japoneses comporem pouco mais de 2% da população do Estado de São Paulo, ocupavam 10% das vagas nas melhores universidades, com maior quantidade de matrículas em cursos de exatas.

Além da produção agrícola, a influência da comunidade japonesa pode ser notada em outros sentidos, tal como acontece com a música, a dança, a culinária, o teatro, o cinema, a moda, a religião (budismo) e os esportes (jiu-jitsu, judô, karatê, sumô, kendô e kyudo). Quanto à moda, foi em 2008, ano que se comemorou o centenário da imigração japonesa, que a 25ª edição da *Fashion Week*, evento de moda mais importante do Brasil, teve a temática japonesa. Em relação aos esportes, Ischida (2010) traz o relato de que dentre aqueles de origem japonesa, 80% são praticados por indivíduos não-descendentes de japoneses. Isso revela a forte influência do país asiático em território brasileiro, conhecido por conter a maior colônia japonesa fora do Japão.

A relação entre ambas as culturas se torna ainda mais profunda diante da presença da instituição *Japan house* (na Av. Paulista, em São Paulo, capital): além desta, há apenas duas outras no mundo: em Londres (Reino Unido) e em Los Angeles (Estados Unidos), (Japan House, 2022). Com a proposta de promover o Japão de hoje, bem como suas raízes e tradições, através da arte, cultura, esportes, negócios, turismo, educação, ciência e tecnologia, a *Japan House* oferece atividades variadas e afirma sua presença com conteúdos digitais, exposições, palestras, seminários, eventos culturais e performances artísticas, sendo este um importante meio cultural para os paulistanos.

Figura 4 - Fachada da *Japan House* em São Paulo



Fonte: VivaDecora (2022).

De acordo com Aoki (2022), a *Japan House* foi a primeira instituição desse porte a ser criada pelo governo do Japão; inaugurada em 30 de abril de 2017, proporcionou até 2022, mais de 30 exposições e cerca de mil eventos sobre arquitetura, tecnologia, moda e arte; mostrando a cultura do país asiático nos seus mais diversos aspectos, e recebeu mais de 2,1 milhões de visitantes.

Nas palavras de Ischida (2010, p. 212), fica marcada a conquista do país asiático em nosso território e menciona empresas como Sony, Honda, Yamaha, Toshiba e Canon. De fato, pode-se notar o domínio que o Japão gera no Brasil, marcado não apenas pela presença da comunidade *nikkei*, mas também pelo influxo no setor empresarial e comercial que sustentam, inclusive, a indústria cultural. Concomitantemente, Goés, Assumpção e Sanchez (2020), frisam que na economia brasileira o impacto social da vinda dos imigrantes japoneses se dá sobretudo no setor industrial, com a presença de empresas japonesas, a fabricante Toyota, tendo 3 fábricas no Brasil, e várias concessionárias; Panasonic, também com 3 fábricas; Hitachi, que tem mais de 1400 colaboradores; Nissan, com 180 concessionárias; Bridgestone / Firestone que tem 4 fábricas; Mitsubishi que atua na fabricação de veículos e robótica.

O comportamento cultural corporativo do Brasil tem grandes influências da cultura japonesa, o fato é que o território japonês. É importante destacar que as empresas que vieram ao Brasil, e instalavam suas fábricas, compravam lotes de terra e distribuíam para os imigrantes, e junto a isso se empenhavam no ensino técnico,

educacional e comercial, e esse movimento beneficiou o intelectual além de impor de forma produtiva os seus hábitos comportamentais. (Goéz; Assumpção e Sanchez, 2020, p. 09).

Sendo assim, nota-se o quanto a economia brasileira está alinhada com métodos japoneses de produção.

A presença da cultura oriental japonesa também é marcante no mercado de animação. Segundo Machado e Duarte (2017), animações e mangás japoneses estão trazendo formação cultural para jovens brasileiros, com um novo estilo de vida, caracterizado sobretudo por um novo eu (de experimentar e vivenciar o mundo), expressando-se principalmente no modo de falar, vestir, interagir socialmente etc. Em virtude desse interesse constante dos jovens pela cultura japonesa, editoras brasileiras passaram a lançar mangás traduzidos para o português, onde a procura por tais produtos supera inclusive a venda de revistas em quadrinhos e HQs de empresas como a Marvel e DC *comics*.

Silva (2020) salienta, que mangás tem uma função pedagógica no Japão por disseminarem valores idealizados e por incentivarem o questionamento de modelos e padrões. Uma das razões para tanto sucesso junto aos jovens brasileiros é que cultura japonesa sempre esteve ligada ao que os estrangeiros consideram como exotismo, o que, por sua vez, despertava interesse pela Terra do Sol Nascente e na sua cultura; Ischida (2010) menciona que, no final do século XIX, os Estados Unidos e a Europa faziam a mitigação do exótico considerando o arquipélago japonês como o país das cerejeiras, gueixas e samurais.

De acordo com Luyten (2005), a cultura pop japonesa provoca fascínio nos jovens por estar atrelada a personagens, enredo e estilo de animação cativantes: a *internet* foi o guia que garantiu acesso amplo a essas obras, marcando as gerações atuais por estarem mais em contato com o mundo digital, facilitando a popularização dos animes e mangás. O pop japonês (J-pop) não faz apenas sucesso entre os mais jovens; essa cultura vai além das clássicas animações nipônicas, pois o Japão se tornou uma força em ascensão, refletindo características de sua cultura estética, na moda, brinquedos, aparelhos eletrônicos etc.

Além dos impactos do J-pop, Sakurai (2007) destaca a forte disseminação da culinária japonesa no mundo a partir da segunda metade do século XX; apesar de, no Japão, o sushi e o sashimi serem consumidos numa escala bem menor do que no ocidente, o país conseguiu exportar para o restante do mundo amostras de sua

culinária em diversos pratos que agradaram.

Todos esses fatores evidenciam a presença dos japoneses no Brasil, desde a sua chegada em 1908, no campo da agricultura, até hoje com as influências no setor da educação, bem como no mercado de entretenimento, cultural com a presença das instituições, impulsionando a economia brasileira.

Por conseguinte, a literatura japonesa é influenciada por esses cenários, havendo uma riqueza de produções diversificadas, refletindo inclusive a questão identitária. As obras escritas por nipo-brasileiros trazem as diferentes perspectivas da comunidade, permitindo maior detalhamento de sua identidade, assim como a temática japonesa em obras clássicas de escritores japoneses, que conjecturam uma importante conexão entre o Japão e sua comunidade de nipodescendentes, e aqueles que são fãs da cultura japonesa.

2.1.4 Literatura japonesa

A respeito da literatura japonesa, para Vejmelka (2014), é justo dizer que houve um número crescente de escritores nipo-brasileiros publicando obras a partir dos anos 80, principalmente sobre a memória da comunidade no contexto da imigração e autobiografias; as histórias presentes em vários romances, retratavam exclusão, discriminação, isolamento, adaptação ao Brasil e sua vitória no novo território. Vejmelka (2014) comenta, inclusive, que livros escritos por nipo-brasileiros se consagraram e fizeram sucesso, como a obra *Nihonjin*, de Oscar Nakasato, vencedor do prêmio Jabuti de melhor romance em 2012, e destaca uma grande força de temas japoneses na literatura brasileira. Ao longo de seu artigo, Vejmelka (2014) faz uma análise do cenário japonês retratado nas obras escritas por autores brasileiros, destacando como cada um deles interpreta a Terra do Sol Nascente.

Concomitantemente, a literatura japonesa se espalhou pelo Brasil, justamente pelo contexto da imigração. “A literatura japonesa passou a fazer parte do cenário brasileiro com a chegada dos imigrantes japonesas que pouco a pouco foram se inserindo na sociedade brasileira [...]”. (Nagae, 2012, p. 5)

Na perspectiva de Nishi (2014), a literatura japonesa ganhou espaço no Brasil a partir da década de 1910 e 1920, por conta dos jornais em língua japonesa que eram publicados naquela época; na década de 1930 começaram a surgir alguns poetas e escritores que possuíam um conhecimento básico de literatura e que tinham certa autonomia financeira.

Vejmelka (2014) corrobora ao dizer que a literatura japonesa se caracteriza tanto pelas produções do Japão quanto as que são criadas por nipo-brasileiros, ou por brasileiros que não possuem descendência japonesa, mas cujo conteúdo de suas obras esteja ligado à temática do Japão por envolver diversos elementos, como o país propriamente dito ou o seu povo. No entendimento de Nishi (2014), a literatura japonesa no Brasil é aquela produzida inclusive pelos imigrantes *nikkeis* e seus descendentes.

Nagae (2012), afirma que as adaptações das obras para o mercado televisivo, e a conversão em animações, vêm atraindo públicos do mundo inteiro, o que garante um incentivo para a literatura japonesa, sustentando a propulsão de entretenimento, com prêmios literários concedidos por editoras, e instituições no Japão, como o prêmio Akutagawa e Naoki, criados no início do século XX.

Além disso, Shimon (1997) salienta que a popularização da literatura japonesa, se deu sobretudo pelo aumento do número de leitores, devido à expansão dos meios de comunicação, com destaque para os escritores Yukio Mishima (1925 -1970), Abe Kôbô (1924 -1993) e Oe Kenzaburo (1935 – 2023). Todos eles alcançaram uma fama internacional sendo aclamados também no Brasil, sendo que, antes da Segunda Guerra Mundial, poucas obras da literatura japonesa eram conhecidas, apenas as mais clássicas e poemas japoneses, conhecidos como *haikais*.

No entanto, para Nagae (2012), o crescimento de títulos japoneses no mercado brasileiro não representa todas as obras presentes no Japão, apenas uma pequena porcentagem delas, especialmente devido à falta de tradutores; sendo que o número de livros traduzidos no Brasil se compara aos que eram feitos artesanalmente no Japão no século XVII.

Ao longo desta seção, destacou-se a comunidade nipônica, assim como as influências ocorridas pela sua presença, discutiu-se também aspectos referentes à identidade e à literatura japonesa.

A partir das concepções de literatura japonesa apresentadas, a próxima seção trata da Biblioteca Mário de Andrade, posto que o acervo de literatura japonesa disponível nesta unidade é o objeto de estudo desta pesquisa.

2.2 A Biblioteca Mário de Andrade

As bibliotecas públicas possuem um papel social relevante na vida de seus usuários. Segundo Lotto (2020), as bibliotecas são lugares democráticos cujo principal

papel: é o de estabelecer a consolidação de um cidadão consciente e com capacidade de senso crítico para a sua formação, com a realização de diversas atividades culturais nesse espaço para diferentes comunidades com o propósito de influenciarem a disseminação e o domínio do conhecimento e da informação.

Essas instituições, tidas como ambientes de memória tem a “[...] missão de preservar, organizar e disseminar os elementos culturais e os insumos de conhecimentos concebidos por nosso fazer racional.” Silveira (2012b, p. 4-5)

A primeira biblioteca pública do Brasil surgiu em Salvador (Bahia); criada em 1811 por iniciativa dos cidadãos daquele período, sua criação foi ajudada por Pedro Gomes Ferrão, que fez questão de doar seu acervo particular a essa instituição (Lotto, 2020). Suaiden (2000) destaca que a primeira biblioteca tinha como principal intuito facilitar o empréstimo de livros.

Segundo Lotto (2020), no estado de São Paulo há aproximadamente 855 bibliotecas públicas, sendo 115 na capital, incluindo a BMA. Esta se sobrepõe por ser a segunda maior biblioteca do país; seu início se deu em 1925, sendo posteriormente inaugurada em 1926 como Biblioteca Municipal, nome que permaneceu até 1960. Apesar de o estopim da sua criação ter sido a Semana de Arte Moderna (1922), foi graças à participação de Rubens Borba de Moraes (bibliotecário) que novos conceitos a respeito do papel das bibliotecas públicas se concretizaram.

De acordo com Garbaccio, Botallo e Siqueira (2018), a Semana da Arte Moderna de 22, realizada no Teatro Municipal de São Paulo, iniciou o movimento artístico do modernismo, onde foram realizadas diversas apresentações, exposições e encontros literários, sendo a partir desse momento que se deu a idealização da Biblioteca Municipal.

Lotto (2020) destaca que Biblioteca Municipal foi a primeira biblioteca pública brasileira estruturada no modelo de escola de biblioteconomia norte-americana. Os estudantes eram a maior parte dos usuários que frequentavam a instituição, e o diretor responsável pela gerência da biblioteca, buscava a opinião desse público sobre os livros didáticos que eles precisariam para seus estudos para inclui-los no acervo.

A devoção ao conteúdo didático foi mudando ao longo dos anos, e o acervo da biblioteca aumentou cada vez mais à medida que crescia o número de usuários. Em 1932, a instituição era a unidade de informação mais visitada do país; entre 1937 e 1938 o acervo da Biblioteca do Estado foi agregado ao acervo da Biblioteca Municipal; em 1944 a seção circulante foi inaugurada e, em 1945, foi a vez da seção de artes;

em 1948, foram realizados cerca de 123 mil empréstimos, e a biblioteca contava com um corpo de funcionários dedicados à catalogação (Amorim, 2020).

No final da década de 30, como relata Amorim (2020), grande parte das bibliotecas públicas do estado possuíam acervos desatualizados, enquanto a Biblioteca Municipal contava com coleções atualizadas e interessantes; à medida que o público leitor crescia devido as políticas de implementação da alfabetização naquele período, uma biblioteca nova e cheia de conteúdo em seu acervo era necessária.

Concomitantemente, Sant'Anna (2018) aponta que um novo prédio da Biblioteca Municipal foi construído com 22 andares para armazenar livros, amplas salas de leitura, e um auditório, sendo este novo edifício considerado como um importante marco da arquitetura *art déco*, tendo sido inaugurado na gestão de Prestes Maia em 1942.

Conforme Amorim (2020) menciona, a composição arquitetônica da biblioteca segue o estilo *art déco*, dada a ornamentação em linhas clássicas da construção no concreto cinza que a constitui, cuja influência se deu pela arquitetura francesa advinda da Escola de Belas Artes, onde o arquiteto responsável pelo projeto da BMA havia se formado; o estilo também combina com a arquitetura clássica e com os movimentos da vanguarda europeia, como o cubismo, o futurismo e o expressionismo.

Figura 5 - Fachada da Biblioteca Mário de Andrade



Fonte: Vidro Plano (2016).

Para Lotto (2020), durante o período do Estado Novo, em que vigorava o

governo ditatorial com valores fascistas de Getúlio Vargas, o Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo, (equivalente à Secretaria da Cultura na atualidade), comandado pelo poeta Mário de Andrade, havia perdido valiosos recursos financeiros; o escritor, porém, conseguiu contornar tais problemas deixando suas marcas na Biblioteca Municipal ao combinar arte e funcionalismo público para lidar com o governo autoritário; isso se deu até Mário de Andrade ser deposto em 1938, com a queda do prefeito de São Paulo na época.

Segundo Santos e Valls (2021), o poeta e romancista Mário de Andrade não só deixou sua marca no mundo da literatura, mas fez importantes contribuições ao campo da biblioteconomia juntamente com Rubens Borba de Moraes, que foi pioneiro nessa área por se tornar um dos principais bibliófilos do país, ao ter criado o curso em 1936, que hoje encontra-se na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e essa criação teve o envolvimento direto de Mário de Andrade.

Conforme é demonstrado por Santos e Valls (2021), Mário de Andrade esteve no comando do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo de 1935 até 1938, cujo papel foi essencial ao ter idealizado a primeira biblioteca circulante do Brasil. Além disso, o escritor possuía uma biblioteca particular com mais de mil obras espalhadas por sua casa, tendo inclusive, seu próprio sistema de classificação, baseadas na Classificação Decimal de Dewey (CDD), e na Classificação Decimal Universal (CDU), para organizar o seu acervo.

De acordo com Piza (2018), Rubens Borba de Moraes foi diretor da biblioteca no período de 1935 a 1943, e, depois dele, foi assumida por seu amigo, Sérgio Milliet, que exerceu a função de 1943 até 1959; ambos muito ligados a Mário de Andrade. O trio foi responsável pela fundação do Departamento de Cultura na Cidade de São Paulo; porém, quando o poeta Mário de Andrade foi exonerado do cargo junto ao Departamento de Cultura, após a saída do prefeito Fábio Prado, o novo gestor público Prestes Maia, nomeado pelo interventor federal de São Paulo, Ademar de Barros, extinguiu o curso de Biblioteconomia da prefeitura de São Paulo criado por Rubens Borba de Moraes com o apoio da Fundação Rockefeller; o curso foi transferido para a Escola de Sociologia e Política. Além disso, Prestes Maia, demitiu Rubens Borba da direção da Divisão de Bibliotecas Públicas e da Biblioteca Municipal, colocando-o em outra divisão pública da cidade.

Outrossim, Arduini e Perrotti (2021), reiteram que Rubens Borba de Moraes, ao lado de Mário de Andrade, viam os livros e as bibliotecas como as precursoras do que

deveria ser um Brasil independente e democrático, e para isso, essas instituições públicas deveriam assumir o papel de agentes educativos.

O projeto de biblioteca e de Biblioteconomia em que o modernista se envolveu vai em direção à redefinição identitária do país, por variados caminhos, dentre eles o da afirmação das raízes, da suposta memória cultural fundante da sociedade brasileira e que se caracteriza pela diversidade e multiplicidade de povos e culturas. Nesses termos, não se tratava, simplesmente, de construção de bibliotecas ou da ampliação do número de “usuários” dos registros escritos e devidamente tratados e organizados. Tratava-se, antes, da unificação da nação em torno de sua memória cultural, de suas bases identitárias diversas, fundantes, mas dinâmicas e permanentemente em reelaboração. (Arduini; Perrotti, 2021, p. 09).

Sendo assim, para Arduini e Perrotti (2021), Rubens Borba se preocupava com os conceitos que as bibliotecas deveriam assumir, e por isso visava a formação de profissionais empenhados e mediadores numa sociedade desigual, cujo acesso ao universo literário era restrito a determinados cidadãos, cabendo as bibliotecas e futuros bibliotecários, democratizar as unidades da informação para todos os públicos.

Segundo Sant’Ana (2018), na época em que a BMA foi gerenciada por Rubens Borba, este se prontificou a trazer para a biblioteca uma série de livros raros, que conseguiu em livrarias, leilões, tendo adquirido o acervo inteiro da biblioteca pessoal de Félix Pacheco (poeta e ex-ministro das Relações Exteriores no Brasil), após seu falecimento em 1935, que antes havia realizado a compra de inúmeros exemplares, manuscritos raros e preciosos advindos da Europa, pela companhia *Maggs Bros Ltd.*, uma das livrarias mais antigas do mundo. Além disso, Rubens Borba tinha como intuito a criação da seção de obras raras, para não só reunir a coleção de Félix Pacheco, mas também a do Barão Homem Mello (político e historiador; 1837-1918), que tinha sido o responsável pela gerência da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e presidente na província de São Paulo, nomeado pelo Imperador D. Pedro II, cujo acervo pessoal incluía obras raras de história e geografia, livros de viagens, mapas e manuscritos.

Piza (2018) enfatiza que a iniciativa de criar a seção de artes na Biblioteca Municipal partiu de Sérgio Milliet, cuja gestão ficou a cargo de Maria Eugênia Mendes de Almeida Franco. Sendo assim, Milliet e Mendes “[...] implantaram na Biblioteca um projeto com ações integradas relacionadas às artes visuais modernas produzidas no país ou no exterior, visando tanto a formação dos artistas quanto do público.” (Piza, 2018, p. 23).

A Biblioteca passa a realizar diversos tipos de exposições, cursos, palestras e variadas atividades a fim de entreter os usuários; para o acervo da seção de artes foram adquiridos livros especializados em arte, além de obras da arte moderna brasileira, reproduções de alta qualidade, vindas do exterior, exposições didáticas sobre artistas mundialmente conhecidos, como Picasso, foi criado, inclusive, um arquivo sobre os artistas brasileiros, dando início ao “[...] primeiro acervo institucionalizado e público de obras de arte moderna brasileira.” (Piza, 2018, p. 43). Na década de 40, a Biblioteca Municipal havia se tornando um verdadeiro centro cultural para o encontro de artistas e intelectuais, onde trabalhos de artistas como Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Oswaldo Goeldi, Flávio de Carvalho, Lasar Segall, Di Cavalcanti, estiveram presentes no local. Piza (2018) é factual ao dizer que centenas obras de artes variando entre papel, tela e escultura, fizeram parte da coleção de artes; o que chama mais atenção é que muitos dos artistas eram jovens, e que a compra de suas obras seria para ajudar a alavancar a carreira artística deles.

Piza (2018), salienta que Prestes Maia havia limitado o orçamento da área cultural da cidade de São Paulo e, apesar de a ditadura getulista estar em vigor, Sérgio Milliet não desistiu de dar continuidade à seção de artes. O fato de uma biblioteca pública contar com uma seção com obras e exposições artísticas de forma fixa, é um tanto quanto incomum, fator este que tornou a BMA tão única; Milliet queria fugir do papel tradicional que uma biblioteca tinha. Amorim (2020), é enfática ao dizer que foi a BMA quem iniciou a criação do primeiro acervo de arte moderna da cidade.

Conforme é exposto por Amorim (2020), entre os anos de 1960 e 1990 a biblioteca passou por inúmeras transformações, desde a ampliação de seu espaço até a proposição de projetos que visavam a construção de uma segunda torre para os livros.

No século XXI, a BMA continuou passando por reformas consecutivas, e entre 2007 e 2010, houve reparos na estrutura física, higienização e reorganização de todo acervo; em 2011 a BMA foi reinaugurada disponibilizando para seu público a abertura de todas as seções. As novas mudanças visavam, sobretudo, garantir a usabilidade dos usuários para que pudessem aproveitar todos os recursos que a instituição tinha a oferecer. A biblioteca Mário de Andrade, “[...] possui uma das coleções de obras raras mais importantes do mundo, contendo cerca de 52 mil livros raros, mais de 8 mil publicações; 4500 fotografias; 500 mapas; 1000 gravuras e outros documentos.” (Lotto, 2020, p. 95). O acervo geral da BMA, com base em Okubo, Silva e D’Angelo

(2009) era, à época, de 3,3 milhões de itens em seu interior, entre livros, periódicos, mapas, um significativo acervo de livros de arte, uma biblioteca depositária da ONU, e a segunda maior coleção de obras raras do Brasil, formada a partir de doação da coleção particular de Félix Pacheco, ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil.

Figura 6 – Saguão da BMA



Fonte: Chicken or Pasta (2016).

Segundo Martins (2022), a BMA conta com inúmeras seções e coleções disponíveis para o público, sendo elas: [a] Seção Circulante, que conta com uma coleção multidisciplinar com obras clássicas, contemporâneas nacionais e estrangeiras, literatura infantil, e de cunho didático; [b] Sala de artes Sérgio Milliet, que possuiu 38 mil volumes de obras, como cartazes e catálogos de exposição, enciclopédias sobre artes variando desde arquitetura a fotografia, cinema, esculturas e pinturas; [c] Seção Geral, que abriga 250 mil volumes de obras armazenados nos 22 andares da torre de livros da BMA, cujo acesso é realizado apenas por atendimento; os assuntos dos volumes abarcam filosofia, história, sociologia, literatura e humanidades; [d] Coleção São Paulo, onde estão incluídas mais de 2 mil materiais audiovisuais sobre a história da capital paulista; [e] Seção de Obras Raras e Especiais, que inclui 70 mil recursos informacionais, variando entre livros, periódicos, manuscritos, fotografias, desenhos, gravuras, cartões-postais, e até moedas; [f] Coleção Mapoteca, que inclui 6 mil cartas cartográficas, mapas políticos, históricos, físicos e geológicos, além de 4 mil Atlas históricos e geográficos, manuscritos do século XVIII, e mapas da cidade de São Paulo do século XIX; [g] Hemeroteca, espaço que abriga 12 mil jornais e revistas desde do século XIX até hoje.

Ademais, Okubo Silva e D'Angelo (2009) afirmam, que graças aos processos de reforma e revitalização do edifício da BMA, grande parte das coleções, antes

armazenadas de forma inadequadas, foram avaliadas por especialistas a fim de realizarem uma revitalização. Após esse processo, a biblioteca se tornou um verdadeiro destaque nas atividades para entreter seus usuários, com projetos culturais, atividades diversificadas e atraentes, sendo exposições nas salas de convivência, agenda cultural, atividades destinadas aos usuários de diversas idades, com muitos cursos e oficinas, que incluem, danças, teatro, cinemas, palestras, saraus, clubes de leituras, festivais e até feiras.

Por isso, o próximo subtópico trata sobre a proposta da BMA, como uma biblioteca pública, na vida dos seus usuários.

2.2.1 O papel da BMA enquanto biblioteca pública

Amorim (2020) afirma que, por toda a sua rica história, o edifício da BMA foi tombado pelo valor cultural, artístico e histórico para a capital paulista: a instituição teve um papel fundamental na vida dos seus usuários através dos anos, tanto pelo acervo, por suas atividades, quanto por sua arquitetura. Além desses aspectos, os usuários que transitavam pelo exterior da biblioteca que compreendia uma grande praça cheia de árvores e próxima dos locais de acesso ao transporte público, tiveram suas as concepções de realidade alteradas por essa instituição. A BMA, continua sendo um local visitado frequentemente, dada a responsabilidade social que tem junto à cidade de São Paulo.

De acordo com Severiano e Machado (2018), durante toda a trajetória da BMA, seus serviços serviram de modelo e inspiração para outras bibliotecas brasileiras, especialmente devido ao suporte que ela dava a pesquisadores acadêmicos, com os métodos de preservação do acervo aliado ao acesso democrático da informação e à programação cultural diversificada. Além do mais, ela ganhou notoriedade por ter implementado, ainda em 1979, um serviço de informação que consistia em dar suporte informacional para toda a população do Brasil; isso durou até 2005. O fato de a Biblioteca Mário de Andrade ter estado equipada com um serviço que disponibilizava informações para todos os cidadãos do Brasil por cerca de 30 anos, vai ao encontro do papel social de uma biblioteca pública: de tornar o acesso à informação algo amplo e democrático, o que é corroborado por Silva e Sampaio (2013), para quem a responsabilidade social da biblioteca pública deve alinhar-se às necessidades informacionais de seus usuários.

Simultaneamente, Martins (2022) salienta que a BMA também possuía um

serviço de apoio à comunidade paulista, que foi amplamente divulgado pela mídia: trata-se da Seção Circulante funcionando 24 horas, por meio desse serviço as pessoas poderiam visitar a instituição, ter contato com a informação em qualquer ocasião, e realizar empréstimos e devoluções, contando com o sistema automatizado da Biblioteca Mário de Andrade, para que assim tivessem maior contato com o acervo. Entretanto, em 2016 o projeto foi encerrado quando a gestão municipal de São Paulo mudou. Apesar disso, o sistema de autoatendimento da Seção Circulante, produziu um aumento de 70% na quantidade de empréstimos, e gerou aumento na frequência de visitantes, sendo mais de 2.500 por dia.

Segundo Silva e Sampaio (2013), em cada comunidade onde há uma biblioteca inserida, verifica-se a constante presença dos usuários, não usuários e os chamados usuários em potencial; essa presença deriva do conhecimento que se tem das necessidades informacionais desses grupos.

Tratando-se dos usuários, são muitos os indivíduos que foram marcados pela BMA, conforme é dito por Silveira (2012b): o alinhamento entre biblioteca pública, identidade e memória na BMA se configura por sua atribuição na vida dos usuários, o que possibilitou a construção de discursos identitários. Sendo assim, no que concerne ao papel social da biblioteca na vida dos usuários é notório indicar que ele se amplia para além da questão de transmissão da informação, posto que envolve a preservação e a disseminação da memória. Para tanto, é importante que os acervos sejam diversificados e atualizados. A importância das bibliotecas públicas é sólida na vida dos usuários, já que elas exercem: “[...] um papel essencial na vida das sociedades modernas: é em volta delas que se exibem todas as outras dimensões da existência social que necessitam do conhecimento para se constituírem, nutrirem-se e ganharem visibilidade”. (Silveira, 2012a, p. 203)

Silveira (2012b), destaca que a BMA formou centenas de leitores e intelectuais, que tiveram como principal apoio o acervo da instituição, o espaço de convívio e a sociabilidade presente nas instalações da biblioteca, fez com que ela ocupasse um lugar singular e excepcional na história de diversas pessoas, criando variadas representações simbólicas da biblioteca. Ademais, Silveira (2012b), reitera que são vários os usuários que tiveram experiências únicas dentro da Biblioteca Mário de Andrade: o filósofo José Arthur Giannotti, o físico brasileiro José Goldemberg, a escritora, filósofa, e Ex-Secretária de Cultura da cidade de São Paulo Marilena Chauí, a crítica literária Walnice Nogueira Galvão, e a psicanalista Anna Verônica Mautner,

formam um grupo de usuários que tiveram a BMA como o centro para sua formação pessoal, ajudando-os em suas carreiras, especialmente pela biblioteca ser um ponto de referência cultural da cidade de São Paulo, ocupando um lugar de primoroso realce no imaginário desses indivíduos, uma vez que a unidade é um espaço para a troca de ideias, encontros, contatos e interações que viram amizades. Outros intelectuais mencionados por Silveira (2012a) são o geógrafo Aziz Ab'Saber, o romancista Ignácio de Loyola Brandão, o crítico de cinema Jean-Claude Bernardet, o poeta Mario Chamie e até o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Depreende-se assim, que leitores e usuários são os responsáveis por darem destaque às bibliotecas públicas e por legitimarem sua função social. Nas palavras de Guimarães (2017, p. 36) é possível inferir a relação entre biblioteca pública e aspectos memorialísticos, uma vez que ela é capaz de influenciar a construção de identidades, desde que se tenha um acervo disponível para aqueles que o utilizam. Guimarães (2017) afirma que o acervo de uma biblioteca precisa ser diversificado, representando as diversas facetas do multiculturalismo, e que o profissional bibliotecário deve ser cauteloso no momento de selecionar os itens e obras que farão parte da coleção, procurando manter-se imparcial em seu local de atuação, uma vez que as bibliotecas públicas brasileiras devem ter como premissa a garantia da preservação da memória social, objetivando-se pela representatividade e democratizando o acesso à informação com o intuito de conservar e reforçar discursos que constituem a sociedade brasileira.

Além do mais, segundo Minha história: Valls (2021), professora do curso de graduação em biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), e membra, à época, do Conselho da SP Leituras, destaca que a biblioteca pública é uma instituição expoente para que diversas pessoas, principalmente jovens e adolescentes sigam seus sonhos, uma vez que a biblioteca aperfeiçoa o resgate da memória oral e cultura de determinadas comunidades, ou seja, as unidades de informação são bem mais do que apenas literatura, elas possuem forte relação com o aprendizado, troca de saberes e acolhimento. Minha história: Valls (2021), ainda evidencia que o motivo de ter seguido carreira na biblioteconomia foi porque durante sua infância, seu primeiro contato com o mundo exterior foi por meio da biblioteca pública de seu bairro, mudando sua vida exponencialmente ao descobrir diversos atores e gêneros.

Figueiredo (1994) ressalta que, estudos da comunidade precisam ser efetuados

para que as bibliotecas públicas melhorem seus serviços. Ademais, Figueiredo (1994) especifica que estudos de usos e usuários focam sobretudo nos pontos a serem melhorados, como por exemplo, focos informais de comunicação da biblioteca para satisfazerem todos os tipos de necessidades informacionais, bem como na compreensão da dimensão de não-usuários para que eles sejam atraídos a utilizarem os serviços e produtos da biblioteca pública.

Percebe-se o quanto a história e o percurso da BMA são longos e o quanto a instituição está empenhada em alinhar seus objetivos de modo que o usuário seja priorizado, assim como preocupa-se com a memória coletiva. Aliás, por sua agenda de fomento de discursos identitários, o próximo subtópico abordará os tipos de atividades e serviços prestados pela BMA para a comunidade, garantindo o comprometimento de seu papel social enquanto biblioteca pública.

2.2.2 Atividades e serviços desenvolvidos pela BMA

De acordo com Zafalon (2008), as bibliotecas devem ser organizadas com o intuito de promover o acesso e o uso posterior da informação, por isso elas redefinem seus produtos e serviços aos usuários, objetivando o desenvolvimento social, por meio disso, visam a utilização de técnicas e diferentes processos para tratar, os recursos informacionais. Consequentemente, pode-se depreender que as bibliotecas públicas priorizam a utilização de tecnologias em seus espaços, em prol dos usuários para facilitar o acesso à informação.

Segundo Meneguel e Albuquerque (2013), o papel social das bibliotecas públicas vai além da disseminação de leitura e conhecimento, sendo responsáveis por resgatarem valores históricos e culturais para difundi-los nas comunidades nas quais essas instituições estão inseridas, através da utilização de seus espaços como centros culturais, e a biblioteca Mário alcança seu papel por ser um dos mais importantes veículos de transmissão cultural do Brasil, cuja divulgação de seus serviços amplia o número de frequentadores e usuários.

Meneguel e Albuquerque (2013), enfatizam que a ação cultural pode ser dividida em três momentos históricos: o primeiro diz respeito à prioridade no armazenamento e na conservação de obras; o segundo que surgiu após a Segunda Guerra Mundial engloba as pessoas, cuja atenção foca-se no homem, e não apenas nas obras; e a terceira que veio a existir no final da década de 60, a preocupação não é mais no coletivo, mas nos indivíduos únicos. Sendo assim, a ação cultural é um

processo de educação e cidadania, sendo efetuado para a troca de saberes, para que haja estímulos na capacidade de dialogar, analisar, interpretar e tirar as próprias conclusões.

De acordo com Martins (2022), a BMA presta diversos tipos de serviços para o público, entre eles a programação cultural, que muda todos os meses, envolvendo apresentações teatrais, performances, contações de histórias, clubes de leitura e exposições, além dos serviços clássicos, como o agendamento prévio para consulta nos acervos, nos quais não são permitidos empréstimos, e pesquisa.

A Biblioteca Mário de Andrade possui uma característica multifuncional, pois atende a vários seguimentos de público. Atendendo as expectativas do usuário diante dos serviços oferecidos, acessibilidade e instalações físicas. Sendo um grande exemplo de desenvolvimento de eventos culturais, realizando: exposições diversas (voltadas a discussões de designers, disseminação da cultura e de livros), curso de criação literária, sarau onde os usuários podem expor sua opinião sobre livros e compartilhar experiências de leitura, apresentações musicais, lançamento de livros (autógrafos, depoimentos e exposição de sua história), palestras, oficinas, workshops, contadores de história, entre outros. (Meneguel; Albuquerque, 2012, p. 18).

Ademais, Andrade (2010) ressalta que a BMA, sempre foi mais que uma biblioteca tradicional; se configura como um polo cultural, posto que, a partir do ano de 2007, com as amplas reformas e revitalização de seu espaço com o intuito de modernizar as instalações, passou a atrair mais usuários para que permanecessem na BMA.

Um exemplo dos projetos culturais que a biblioteca realiza, é descrito por Japan Foundation (2011), diante da realização de um seminário chamado Lendo o Japão: a difusão da literatura japonesa no Brasil, ocorrido em 24 de setembro de 2011. A descrição do evento indicava a realização de uma apresentação de *Kamishibai*, (técnica japonesa de narração de histórias por meio de desenhos) cujo propósito estava em aproximar público e literatura japonesa de modo a despertar o interesse deles na poesia japonesa.

Em síntese, a biblioteca Mário de Andrade oferece uma gama de atividades culturais, que variam de exposições a apresentações, para aproximar o público nos mais diversos temas, como a literatura japonesa, garantindo maior atratividade de suas instalações, aumentando o número de usuários, cumprindo com seu papel social quanto biblioteca pública.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, com abordagem qualitativa, é descritiva e se configura com objetivos exploratórios. Para o alcance de seus objetivos propõe-se estudo de caso e a adoção de procedimentos bibliográficos e documentais para identificar visões e análise das diversas posições acerca do tema.

A abordagem qualitativa, se dá ao levar em consideração a afirmação de Silveira e Córdova (2009, p. 31) de que este tipo de pesquisa “[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” Esta abordagem vai ao encontro da proposta de pesquisa, posto que envolve a compreensão da caracterização da cultura japonesa no acervo da Biblioteca Mário de Andrade. Além do mais, Kripka, Scheller e Bonotto (2015) enfatizam que uma pesquisa qualitativa permite ao pesquisador a verificação de diferentes caminhos que ele possa percorrer, no intuito de utilizar diferentes instrumentos para coletar e analisar os dados que garantirão a resposta do problema que ele visa solucionar. Sendo assim, o método qualitativo assegura, em sua essência, traçar novos caminhos, para solucionar a questão problema com variados instrumentos, e auxílio do mecanismo de pesquisa exploratória. Além do mais, segundo Tarquette e Borges (2020), o método de pesquisa qualitativa permite ao pesquisador uma maior preocupação com a realidade que não poderia ser medida por números ou porcentagens, pois o método qualitativo dá enfoque nos significados, motivos, crenças e valores que muitas vezes não são captados por pesquisas matemáticas. No modelo qualitativo, existe um vínculo único entre o objeto pesquisado e o pesquisador, que trabalha com a não estruturação de ideias ou dados, mas sim com a sua produção.

A perspectiva descritiva segundo Nunes, Nascimento e Luz (2016), objetiva a explicação dos fenômenos e características de uma respectiva população ou processo, proporcionando novas visões a respeito de uma realidade já conhecida, através de análises, registros, e a interpretação dos fatos do universo a ser pesquisado.

De acordo com Gil (2007), a pesquisa exploratória está estruturada em tornar a questão problema mais familiar para o investigador, com a intenção de se construir hipóteses, de aperfeiçoar ideias e de fazer descoberta de instituições que possam auxiliar na pesquisa. Por ser um modo mais flexível de estudo, possibilita a

consideração de diversos aspectos sobre o tema e o objeto de pesquisa, envolvendo na maioria dos casos, levantamentos, pesquisa bibliográfica, ou estudo de caso. O cunho exploratório tem a intenção de “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” (Silveira; Córdova, 2009, p. 35).

Sobre o estudo de caso, Silveira e Córdova (2009) indicam que ele tem o propósito de aprofundar os motivos de uma dada situação, visando analisá-la especificamente; o estudo de caso, aliado à pesquisa de natureza aplicada, gera respostas para solucionar problemas específicos.

A pesquisa bibliográfica se propõe a determinar visões e analisar diversas posições acerca do tema, tal qual aponta Gil (2007); é ela que dá condições para o desenvolvimento da análise dos resultados, para que sejam desenvolvidas interpretações, sobretudo qualitativas. Em suma: a pesquisa bibliográfica dá conta de identificar o que foi pesquisado sobre o assunto anteriormente de modo a garantir um percurso histórico e teórico sobre dado tema. Neste estudo, a pesquisa bibliográfica comparece no histórico e na proposta da BMA, enquanto biblioteca pública, bem como para expor a configuração da comunidade japonesa no Brasil.

Pizzani, Silva, Bello e Hayashi (2012), ressaltam que a pesquisa bibliográfica é o principal meio pelo qual se realiza levantamentos acerca de determinados assuntos, em variadas fontes, como livros, artigos de periódicos, trabalhos acadêmicos, jornais; seus principais objetivos, são proporcionar ao pesquisador formas de aprendizado para sua área ou tema de interesse, e ajudar na verificação de métodos a serem utilizados.

Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação e com o aumento da produção científica, surgiram as bases de dados que podem ser definidas como os suportes informacionais compostos de artigos e trabalhos científicos, elaborados por organizações especializadas, nas diversas áreas do conhecimento. Por essa razão, o que mais comumente ocorre é a pesquisa na Internet e em bases de dados que possuem credibilidade científica, usando mecanismos de busca para localização do material bibliográfico. (Pizzani; Silva; Bello; Hayashi, 2012, p. 58).

Além das fontes bibliográficas, que garantem uma estratégia eficaz, também se faz uso da pesquisa documental, desenvolvida para se ter enfoque nas fontes primárias, resultando em uma melhor compreensão da realidade da comunidade nipo-brasileira, com o objetivo de alcançar um entendimento social maior do que está sendo pesquisado, no caso, a comunidade nipo-brasileira, e a literatura japonesa conjugada

no acervo da Biblioteca Mário de Andrade. Segundo Gil (2007), a pesquisa documental está baseada em um processo de análise de materiais que não passaram por tratamento analítico, mas que podem contribuir no desenvolvimento do estudo científico. Os procedimentos bibliográficos e documentais permitiram compor o contexto histórico e social tanto da comunidade nipo-brasileira, e suas perspectivas de questões identitárias, quanto da Biblioteca Mário de Andrade e a literatura japonesa que compõem parte de seu acervo.

3.1 Método para coleta de dados

Quanto à coleta de dados do acervo da Biblioteca Mário de Andrade, com vistas a identificar o material bibliográfico, optou-se por estabelecer contato com uma bibliotecária da Seção de Tratamento da Informação da BMA, haja vista o acesso integral à base de dados da unidade: foram recebidos quatro arquivos em formato *xlsx com temática caracterizada como atinente à literatura japonesa, em um total de 307 registros:

- 792.0952, que corresponde ao “teatro No”, “teatro Kabuki”, e “Bunraku – teatro de bonecos” no Código Decimal de Dewey (com 24 linhas);
- 895.61, correspondendo a “poesia japonesa”, “poesia japonesa – antologia”, “poesia japonesa – história e crítica”, “Haikai” e “Tanka” (com 21 linhas);
- 895.62, sendo “teatro japonês”, e “teatro japonês (comédia)” (com uma linha);
- 895.63, que na CDD corresponde a “romance japonês – sem século” (com 260 linhas).

Em cada um desses arquivos constavam autoria e título; a colaboradora enfatizou que a BMA adota a 21ª edição da Classificação Decimal de Dewey para a classificação, e indica que há composições feitas a partir de versões mais antigas. Novos dados foram solicitados, e o pedido foi prontamente atendido; desta vez, em cada arquivo, constava: ano, assunto, autoria, editora, idioma, seção, situação, subtítulo, título principal; a quantidade de registros de três arquivos estava diferente da primeira remessa: [1] 792.0952 (ainda com 24 linhas); [2] 895.61 (agora com 34 linhas); [3] 895.62 (agora com três linhas); [4] 895.63 (com 280 linhas); assim, o universo a ser pesquisado totalizava 341 títulos.

Além desses dados, procurou-se identificar os tipos de atividades, serviços e produtos que são desenvolvidos pela BMA para ampliar a divulgação do acervo de literatura japonesa ao público. Teve-se como base o próprio site da biblioteca Mário de Andrade, que dissemina os diferentes eventos promovidos pela instituição, além do site da Fundação Japão, que tem a missão de divulgar e promover a cultura japonesa com outros países do mundo. (Japan Foundation, 2024).

Após a obtenção dos dados propôs-se: a) evidenciar quais são os títulos da literatura japonesa mais frequentes no acervo da BMA; b) constatar, a nacionalidade dos autores que publicaram cada item, a fim de determinar quantos são japoneses ou nipo-brasileiros, e ver se há autores de outras nacionalidades, através de uma pesquisa sobre cada escritor, seja nos sites das editoras ou em demais sites; c) averiguar quais autores são mais frequentes em número de publicações introduzidas no acervo da biblioteca; d) determinar em quais assuntos os recursos informacionais estão mais inseridos na biblioteca, assim como nas seções do acervo; e) apontar o idioma predominante em cada um dos itens da literatura japonesa presentes na biblioteca; f) constatar qual é a editora que mais presente nas obras da literatura japonesa; g) verificar o ano em que cada obra foi publicada na tentativa de entender a atualização do acervo de literatura japonesa; h) determinar qual a seção da biblioteca em que as obras estão mais inseridas.

3.2 Análise de conteúdo e categorização

Para a análise dos resultados, utilizou-se a análise de conteúdo categorial, estruturado de modo para que fosse possível estabelecer uma filtragem dos dados para interpretação qualitativa, criando-se assim categorias para os elementos catalográficos obtidos. De acordo com Sampaio e Lycarião (2021), a análise de conteúdo se constitui como uma técnica de pesquisa estruturada em procedimentos rigorosos e sistemáticos, com o objetivo de criar padrões e deduções válidas sobre diversos conteúdos verbais, visuais, ou escritos, buscando compreender, descrever e interpretar fenômenos no sentido de seus significados e contextos, ou seja, tenta caracterizar os acontecimentos por meios da sistematização e controle, havendo a necessidade de se estabelecer categorias semânticas dos dados coletados, a fim de separá-los e padronizá-los para maior entendimento.

Ademais, Puglisi e Franco (2005) afirmam que, após definidos os objetivos da pesquisa, tendo o referencial teórico já delineado, assim como os materiais a serem verificados, define-se as chamadas unidades de análise para a utilização da análise de conteúdo baseadas principalmente no tema dos dados coletados. A partir daí, são escolhidas as categorias que em sua essência se destacam por serem, uma técnica de classificação de elementos constituídos de um conjunto temático.

Sendo assim, para a presente pesquisa, a categorização é composta por: [1] Títulos; [2] Autores; [3] Editoras; [4] Idiomas; [5] Ano de publicação; [6] Seção; [7] Assunto e [8] Nacionalidade dos autores. Por meio dessas categorias será possível refinar os dados, e traçar o tipo de caracterização da literatura japonesa na Biblioteca Mário de Andrade.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com os dados fornecidos pela Biblioteca Mário de Andrade, se iniciou o refinamento e tratamento analítico deles.

Tratando-se dos autores mais frequentes no acervo, estão, dentre aqueles com mais de 10 ocorrências de autoria dos registros: Yukio Mishima, Haruki Murakami, Yasunari Kawabata, Junichiro Tanizaki, Matsuo Basho, Eiji Yoshikawa, Shusaku Endo e Kenzaburo Oe.

Verificou-se que Yukio Mishima é o autor mais presente no acervo da BMA; duas de suas obras estão entre as mais frequentes: *Confissões de uma máscara* e *Sol e aço*. Rocha (2021) salienta que Mishima se consagra por ter escrito aproximadamente 35 romances, 25 enredos de filmes e peças de teatro, 20 volumes de contos e diversos ensaios críticos-literários que fazem sucesso até hoje. As obras³ que ele escreveu são: *Confissões de uma máscara*, *Sede de amor*, *Cores proibidas*, *O tumulto das ondas*, *O templo do pavilhão dourado*, *A casa de kyoko*, *Depois do banquete*, *O marinheiro que perdeu as graças do mar*, *Seda e visão*, *Morte no verão*, *Sol e aço*, e a tetralogia *O mar da felicidade*, composta pelos títulos *Neve de Primavera*, *Cavalo Selvagem*, *Templo da Aurora* e *A Queda do Anjo*. Rocha (2021) frisa que Mishima foi indicado ao prêmio Nobel da literatura três vezes ao longo de sua vida; e que ele se destacou por seu patriotismo pelo Estado japonês, se tornando uma das personalidades mais populares do século XX do Japão. Inspirado pelo cenário brasileiro, Mishima escreveu a peça *A toca de cupim*, com a qual ganhou o prêmio Kishida, em 1955, de Dramaturgia.

O autor contemporâneo Haruki Murakami é o segundo autor mais frequente do acervo. De acordo com Honda (2017), ele é considerado um dos mais importantes da literatura japonesa atual. Murakami teve suas obras traduzidas para mais de 50 idiomas, e foi ganhador de variados prêmios de literatura. Ferreira e Bottos Júnior (2019) enfatizam que o prêmio *Gunzou* de literatura, que Murakami ganhou por sua obra *Ouçã a canção do vento* (1979), fora a responsável por introduzi-lo no universo literário e por contribuir com o seu estilo de escrita, ajudando-o a alavancar sua carreira de escritor. De Murakami, a BMA tem os seguintes títulos: *1Q84*, volumes 1, 2 e 3, *Dance, dance, dance*, e *Norwegian Wood*, dentre os mais frequentes, além de

³ Os títulos sublinhados não foram encontrados no acervo da BMA.

outros títulos como *Kafka à beira mar*, *Minha querida Sputnik*, *O elefante desaparece*, *O incolor Tsukuru Tazaki e seus anos de peregrinação*, *Caçando carneiros*, *Após o anoitecer*, *Crônica do pássaro de corda*, *Ouça a canção do vento*, *Do que eu falo quando eu falo de corrida*, *Sul da fronteira, oeste do sol*, *Homens sem mulheres*, *O assassinato do comendador*, volume 1, e *Sono*. Os temas tratados nos livros de Haruki Murakami são temas profundos, de contexto social, emocional, o que ajuda a ampliar ainda mais seu público leitor.

Yasunari Kawabata é o terceiro autor mais presente da literatura japonesa na BMA. Segundo Leonel (2012), Kawabata foi o vencedor do prêmio Nobel da Literatura em 1968 (o primeiro japonês a ganhar), aumentando seu reconhecimento internacional; também recebeu diversos outros prêmios literários por suas publicações. Leonel (2012), também afirma que o escritor publicou mais de 30 romances, (alguns dentro de outras publicações) entre as principais obras produzidas por ele há: *Beleza e tristeza*, *Mil tsurus*, *País das neves*, *A dançarina de Izu*, *O mestre go*, *O lago*, *O som da montanha*, *Kyoto*, *Contos da palma da mão*, *A casa das belas adormecidas*; esses títulos estão no acervo da BMA, além de: *A gangue escarlate de Asakusa* e *Nuvem de pássaros brancos*. Os livros de Kawabata recorrentemente abordam temáticas como feminilidade, sexualidade humana e morte; esses temas “[...] renderam-lhe antológicas descrições de encontros sensuais, com toques de fantasia, rememoração, inefabilidade do desejo e tragédia pessoal.” (Estação Liberdade, 2024a).

O escritor Junichiro Tanizaki, é o quarto autor mais frequente entre os livros da literatura japonesa na BMA. De acordo com Kempinska (2019), na última década grandes quantidades de obras de Tanizaki estiveram sendo traduzidas para o português, entre elas *A chave*, *Voragem*, *Diário de um velho louco*, *Há quem prefira Urtigas*, *O amor insensato*, *As irmãs Makioka*, e, *A vida secreta do senhor de Musashi e Kuzu*. Todos esses títulos, e a obra *Naomi*, (escrita por ele), estão presentes no acervo da biblioteca. Nas obras de Tanizaki há uma rica presença da estética do Ocidente. Junichiro possuía uma fascinação pela cultura ocidental, e existem diversas pesquisas de cunho científico que fazem uma interpretação do conteúdo de seus livros que evidenciam a ambivalência que o escritor tinha entre o Ocidente e Oriente, além do encanto que ele cultivou por diversos hábitos do povo estrangeiro, manifestando em seus livros uma intertextualidade.

Matsuo Basho, é o quinto autor mais frequente. Segundo Frade (2020), Basho

se consagra por ter sido o poeta japonês mais popular do século XVII, cuja configuração de seus poemas são objeto de estudo de inúmeros pesquisadores. Liang, Jatobá e Durazzo (2015) apresentam Basho como um dos mais renomados poetas da literatura japonesa, principalmente quanto ao Haiku (estilo de poesia composto por 17 letras japonesas, divididas em três versos); foi com Basho que o Haiku se desenvolveu e expandiu. As obras do autor presentes na biblioteca Mário de Andrade são: *Trilha estreita ao confim*, *The narrow road to Oku*, *O gosto solitário do orvalho*, *Palhas de arroz* e *Haikais de Basho*, estes últimos foram escritos por autores brasileiros que publicaram os poemas de Basho em suas obras.

Eiji Yoshikawa é o sexto escritor que mais tem seus títulos inseridos na biblioteca, sendo o sexto mais frequente entre todas as publicações. Segundo Cerqueira Sobrinho (2019), Yoshikawa é descendente de uma família de samurais e era um praticante das artes marciais; sua obra mais lida, *Musashi*, gera “[...] repercussões sem fronteiras, sucesso editorial absoluto tanto em território nipônico, quanto no exterior [...]” (Cerqueira Sobrinho, 2019, p.111). Cerqueira Sobrinho (2019), detalha que o conteúdo do livro expressa diversas manifestações culturais japonesas, como o teatro bonecos, dramaturgia *kabuki*, arte da cerimônia do chá, relação entre a arte da espada e a pintura, cerâmica, poesia e influências da mentalidade budista que reverberaram em *Musashi*. Eiji Yoshikawa tornou-se o maior romancista histórico do Japão; em 1960, ganhou a medalha Ordem da Cultura – uma das maiores honrarias conferidas a um autor no Japão; escreveu uma coleção com mais de 80 volumes, sobre a história e eventos do arquipélago japonês conforme é descrito por Estação Liberdade (2024b).

Shusaku Endo é o sétimo autor mais frequente da BMA. Paiva (2008) realça que Endo era um escritor diferenciado pelo fato dele ser católico, uma vez que o Japão é predominantemente budista. Endo recebeu diversos prêmios literários, por seus variados livros, cujo tema do catolicismo é perceptível em grande parte deles. Além disso, o autor recebeu um prêmio literário na Suécia no ano de 1978, por ter escrito um ensaio chamado “Vida de Jesus”, se conceituando com um dos romancistas mais incríveis do Japão no século XX; seus romances⁴ são: *O Homem Branco*, *O Homem Amarelo*, *Mar e Veneno*, *Admirável Idiota*, *Silêncio*, *O Samurai*, *Escândalo*, *Rio Profundo*, *A Terra Dourada*.

⁴ Os títulos sublinhados não foram encontrados no acervo da BMA.

O último autor que se destaca no acervo da BMA é Kenzaburo Oe. Em 3 de março de 2023, Oe veio a falecer, após uma vida repleta de contribuições para o campo literário. Segundo Julião, Medeiros e Silva (2022), Oe foi um brilhante escritor, que aos 22 anos, foi o vencedor do prêmio *Akutagawa* – considerado um dos mais importantes pela crítica literária japonesa; sua carreira de romancista iniciou-se logo após a publicação de seu conto *Prize Stock*, que conta a história de um piloto norte-americano que cai em uma ilha do Japão, e é capturado por um grupo de homens. A obra é fortemente marcada pelo existencialismo, empregando aspectos da vida e do cotidiano do Japão, ao abordar personagens que cresceram no período do pós-guerra, sofrendo com as consequências desse momento enquanto amadurecem em meio a um processo de isolamento social e sobretudo individual. Julião, Medeiros e Silva (2022) afirmam que Kenzaburo Oe foi premiado com o Nobel da Literatura em 1994. Ele é reconhecido mundialmente pelo seu livro, *Uma questão pessoal*, onde ele narra as dificuldades de um pai ao ter compreensão das limitações que uma deficiência cerebral se colocaria sobre seu filho ainda não nascido, levando o protagonista a desejar constantemente a morte do filho; recorrentemente seus livros são fortemente marcados por aspectos da vida cotidiana no Japão pós-segunda guerra mundial. Hayashi (2019), afirma que *Uma questão pessoal* é considerado como um dos melhores romances em língua japonesa. As obras que Oe escreveu e que estão localizadas na BMA são, *Morte na água*, *14 contos de Kenzaburo Oe*, *O grito silencioso* e *Jovens de um novo tempo, despertai*.

Em relação à nacionalidade, foram identificadas 84 pessoas que contribuíram como autores, ilustradores, tradutores ou organizadores do acervo de literatura japonesa disponível na BMA; 51 são de origem japonesa. Dentre os autores nipo-brasileiros, foram averiguados nove, sendo eles: Geny Wasaka, Katsue Yuba, Antonio Nijori, Teruko Oda, Francisco Handa, Junko Ota, Madalene Hashimoto, Tae Suzuki e Sakae Murakami Giroux. Também foram identificadas sete pessoas com nacionalidade brasileira: Olga Savary, Cecilia Bossi, Haroldo de Campos (em parceria com Darci Yasuco Kusano e Elza Taeko Doi, cujas nacionalidades não puderam ser identificadas, devido à falta de informações em suas biografias, sendo localizadas apenas registros de formação universitária e atuação profissional nos currículos Lattes), Christine Greiner, Luiz Iglezias, Paulo Leminski, e Primo Vieira. Dentre os autores, constatou-se três com nacionalidade estadunidense: Faubion Bowers, Earl Miner e Burton Watson; Kat Menschik, de nacionalidade alemã; de origem filipina,

identificou-se Leonard Campbell Pronko; Benito Ortolani, de nacionalidade italiana; e, de origem turca, o escritor Nissim Cohen. É interessante notar que grande parte dos autores nipo-brasileiros e brasileiros, escreveram sobre a poesia e o teatro japonês, fazendo diversos estudos e interpretações sobre o assunto, além de inúmeros escritores, terem se concentrando na pesquisa desses temas.

Quanto ao idioma das publicações, é possível visualizar os idiomas dos livros de literatura japonesa disponíveis na BMA: 89% estão em língua portuguesa; 8% em inglês, 2% em francês, 1% em japonês, e apenas um em espanhol. O título em japonês, com três registros, é *Colônia sôsetsu senshu*, de Teiiti Suzuki, publicado em 1975, pela editora Colônia Bungakukai em parceria com a Gremio Literario Colônia. Nos dados enviados pela BMA, não é demonstrado se há títulos bilíngues.

Quanto às editoras que mais tem títulos no acervo da BMA cabe uma apreciação sobre cada uma delas.

A editora Estação Liberdade (EEL) foi fundada em 1989, com sede em São Paulo, inicialmente no bairro da Liberdade, e tem seu nome como forma de homenagear o local onde vivem tantos japoneses e descendentes, conforme é especificado por Estação Liberdade, (2024c). O catálogo da EEL contempla os conteúdos literários do extremo oriente, com clássicos da literatura, ficção contemporânea, história, filosofia, arquitetura etc., com traduções a partir do idioma original. A EEL publicou obras de Yukio Mishima, Yasunari Kawabata, Yoko Ogawa, Hiromi Kawakami, Junichiro Tanizaki, Haruki Murakami, Masuji Ibuse, Soseki Natsume, Kafu Nagai, Ryunosuke Akutagawa, Yasushi Inoue, Sayaka Murata, Otohiko Kaga, Eiji Yoshikawa, Gozo Yoshimasu. Um título, publicado pela EEL e que merece destaque, dada a sua singularidade, é *Hagoromo de Zeami*, cuja autoria é atribuída a Haroldo de Campos; a obra é uma transcrição⁵ da peça teatral *Hagoromo*, de Motokiyo Zeami, escrita há mais de 800 anos. Além disso, Elza Taeko Doi e Darci Yasuco Kusano atuaram também como tradutoras da obra.

⁵ Conforme é enfatizado por Almeida (2019), a teoria da transcrição foi criada por Haroldo Campos apoiado nas ideias de outros autores, que salientam que a tradução plena de textos criativos não poderia ser totalmente fiel, e a solução seria trazer novas informações estéticas para os significados do que seria traduzido, e assim seria feita uma transcrição, ainda mais, a obra *Hagoromo* é uma escrita arcaica, contendo caracteres japoneses e chineses, trocadilhos usados na época criando uma mistura de difícil tradução, e por isso a opção pela transcrição.

Outra editora que mais tem títulos na biblioteca é a Alfaguara, um selo editorial da editora Companhia das Letras. Os autores dos títulos publicados pela Alfaguara disponíveis no acervo são: Haruki Murakami em parceria com a ilustradora Kat Menschik e Kyoichi Katayama. Da editora Companhia das Letras estão no acervo da BMA obras de Kenzaburo Oe, Junichiro Tanizaki, Yukio Mishima e Ryu Murakami.

A editora Brasiliense também tem no acervo considerável volume de publicações, tendo sido publicadas obras de Yasushi Inoue, Yukio Mishima, Shizuko Natsuki, Ryu Murakami, Junichiro Tanizaki e Darci Yasuco Kusano, e também de Paulo Leminski, autor da biografia de Matsuo Bashô. Lemos (2014) afirma que a Brasiliense foi criada e inaugurada no início dos anos de 1940, durante o período em que vigorava o chamado “Estado Novo”, promovido pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas.

A editora Rocco também está presente no acervo de literatura japonesa da BMA; os escritores que tiveram seus títulos lançados pela Rocco, são: Natsuo Kirino, Shusaku Endo e Yukio Mishima. A editora Rocco foi fundada em 1975, por Paulo Roberto Rocco; em meados da década de 1980 iniciou-se a composição de seu catálogo de ficção; atualmente a editora está empenhada na publicação de obras de ficção e não-ficção contemporâneas, além de temas como gastronomia, biografias, filosofia etc. (Rocco, 2024).

Publicação conjunta entre editoras também foram notadas no acervo de literatura japonesa da BMA. Dentre essas parcerias, duas editoras se destacam: a Aliança Cultural Brasil-Japão e a Massao Ohno. A Aliança Cultural Brasil-Japão comparece no acervo de literatura japonesa sempre em edição com outras editoras, como Diário Nippak, Estação Liberdade, Massao Ohno e Perspectiva. Isso pode ser decorrente do fato de a instituição ser financiadora, mas não ter exatamente uma editora. Dentre os autores que foram publicados por essa parceria estão: Katsue Yuba, Gozo Yoshimasu, Kikuo Furuno, Takubobu Ishikawa, Sakae Murakami Giroux; Primo Vieira comparece como tradutor do texto *Palhas de arroz* de Matsuo Basho, e Nissim Cohen como tradutora dos poemas de Saigyô. De acordo com o site da Aliança Cultural Brasil-Japão ([202-?]), a fundação da instituição ocorreu em 1956, pelo poeta Guilherme de Almeida, que escrevia diversos poemas haicais com o propósito de disseminar a cultura japonesa pelo Brasil. A organização, uma entidade sem fins lucrativos, é uma das maiores escolas de ensino da língua japonesa da América Latina, promovendo o ensino do idioma, a arte e cultura japonesa em todo território

brasileiro; tem sua própria livraria. A outra parceria editorial que se destaca no acervo da BMA é a Massao Ohno que, além da parceria com a Aliança Cultural Brasil-Japão, publicou também com a editora Civilização Brasileira e a Roswitha Kempf. Dentre os autores de literatura japonesa com obras no acervo da biblioteca estão: Ryunosuke Akutagawa e Osamu Daizai. Segundo o site Geraldo Mayrink (2004) é enfatizado que o escritor Massao Ohno, era um editor descendente de japoneses e fazia publicações de diversos títulos de forma independente, e sua editora levava o nome dele. Segundo López (2020), Ohno foi o maior editor independente do Brasil, tendo sido o principal incentivador da carreira de inúmeros poetas, tendo publicado mais de 700 obras.

Diante da avaliação dos 341 registros, verificou-se que o título de vários deles se repetia, quer seja por edições variadas de uma mesma editora, ou por terem sido publicados por editoras diferentes; também foram identificados títulos em outros idiomas. Apesar de não ter sido possível identificar, a partir dos dados presentes em cada registro, a correlação entre obras e suas traduções, foi feita uma pesquisa complementar, na tentativa de prover uma análise sobre isso a partir da produção literária de autores que tinham vários registros da BMA a ele associados.

Essa pesquisa permitiu depreender relações entre:

- *Rashomon y otros cuentos*, da editora Miraguano Ediciones (1987), e *Rashômon e outros contos*, da editora Massao Ohno (196-?); apesar de o registro em português ter a indicação de que a obra é de Ryunosuke Akutagawa, isso não está presente nos dados da versão em espanhol;
- *Black Rain*, de Masuji Ibuse, publicado pela Kodansha International (1997), e *Chuva Negra*, publicado pela EEL (2011) e outra edição pela Marco Zero (1988);
- *The setting sun*, de Osamu Dazai, publicado pela New Directions (1968), e *Pôr-do-sol*, que, inclusive, tem a indicação de título paralelo em inglês, publicado pela Massao Ohno em parceria com a Civilização Brasileira (1974);
- *Snow country*, de Kawabata Yasunari, da editora Tuttle (2009), e *País das neves*, publicado tanto pela Nova Fronteira (1957) quanto pela EEL (2005);
- *In the miso soup*, de Ryu Murakami, da editora Kodansha (2004), e *Miso soup*, publicado pela Companhia das Letras (2005);

- *I am a Cat*, de Soseki Natsume, publicado pela Tuttle (2009), e *Eu sou um gato*, publicado pela EEL (2008);
- *Kokoro*, de Soseki Natsume, da editora Madison (1992), e *Coração*, publicado pela editora Globo (2008).
- *Confession d'un masque*, de Yukio Mishima, publicado pela editora Gallimard (1988), e *Confissões de uma máscara*, publicado pela Vertente (c1958), Assírio e Alvim (1984), também pela Círculo do Livro (1978?), e Companhia das Letras (2004);
- *L' ange en decomposition* publicado pela Gallimard (1988), e *A queda do anjo*, publicado pela Brasiliense (1988);
- *La mort en été* da editora Gallimard (1988), e *Morte em pleno verão e outros contos*, publicado pela Rocco (1986), e pela editora Relógio d'Água (1986);
- *Le tumulte des flots* publicado pela editora Gallimard (1990), e *Mar inquieto* da Companhia das Letras (2002);
- *Les amours interdites* da editora Gallimard (1990), e *Cores proibidas*, publicado pela Companhia das Letras (2002).

Avaliando-se o cenário geral em meio a extensa quantidade de exemplares, há 10 manifestações (a materialização de uma expressão de uma obra) que se destacam.

O título mais frequente identificado no acervo de literatura japonesa da BMA é *Confissões de uma máscara* (obra de 1948), de autoria de Yukio Mishima: dois registros indicam publicação pela editora Vertente, em 1958; um pela editora Assírio e Alvim, de 1984; um pela editora Círculo do Livro, de 1978; três pela editora Companhia das Letras, de 2004; e um, em francês, publicado pela editora Gallimard, em 1988, sob o título *Confession d'un masque*. Nota-se na obra a relação entre seu conteúdo, as vivências pessoais e culturais do escritor: “[...] foi considerado pela crítica como um trabalho genial e alcançou sucesso significativo de vendagem, tornando o seu autor uma das vozes literárias de destaque do Japão pós-guerra.” (Lee, 2011, p. 55).

A segunda obra mais frequente na BMA é *Musashi*, volume 1, de Eiji Yoshikawa, publicada pela Editora Estação Liberdade (EEL), datada de 2015 e de 2021, com o subtítulo *a terra, a água, o fogo*, e de 2000, com o subtítulo *a história do*

mais famoso samurai de todos os tempos; cada uma com dois registros. O personagem principal da obra é inspirado em uma figura épica do Japão Imperial. Ramos (2022) comenta que o romance está gerando um grande impacto na sociedade japonesa, especialmente para os nativos do arquipélago, mas também para os estrangeiros; isso se dá devido à concepção de um idealismo do que seria ser japonês, o que vai ao encontro com o que foi estudado no referencial teórico deste estudo, ao tratar de identidade, evidenciando as influências que a literatura provoca em determinadas culturas e povos.

As demais obras, cada qual com, no mínimo, cinco ocorrências no acervo da BMA, são: *1Q84, livro 3: outubro-dezembro*, de Haruki Murakami, publicado pela editora Alfaguara, e com exemplares de 2013 (3), 2014 (1) e 2015 (1); *A revolução humana*, de Daisaku Ikeda, publicado pela editora Record, em 1972-1984; *Dance, dance, dance*, de Haruki Murakami, publicados pela Estação Liberdade (3, de 2005) e pela Alfaguara (2, de 2015); *Norwegian wood*, também de Haruki Murakami, publicados pela editora Objetiva (3, de 2005) e pela Alfaguara (2, de 2008); *O que é o teatro Nô*, de Darci Yasuco Kusano, publicados pela editora Brasiliense, em 1984 (2) e em 1988 (3); *Sol e aço*, publicado pela editora Brasiliense, datado de 1985 (2) e de 1986⁶ (3), de autoria de Yukio Mishima; *Voragem*, de Junichiro Tanizaki, publicados em 2001 (1), pela editora Companhia das Letras, e em 2018 (4), pela mesma editora, em parceria com a TAG; e *O pavilhão dourado* de Yukio Mishima, publicados pela Assírio e Alvim em 1985 (1), pela Companhia das Letras 2010 (2), e pela Rocco 1988 (2) com o título *O templo do pavilhão dourado*.

Em relação aos pontos de acesso de assunto utilizados no acervo de literatura japonesa, destacam-se: ‘romance japonês’ (246 ocorrências), ‘ficção’ (49), ‘contos japoneses’ (32), ‘poesia japonesa’ (29), ‘Japão’ (25), ‘teatro japonês’ (22), ‘haikai’ (21), e ‘Século 20’ (21). Apesar de não estar explícita a forma de construção destes pontos de acesso, é fato que os termos ‘ficção’, ‘Japão’ e ‘Século 20’ tem particularidades: o termo ‘ficção’ sempre comparece associado a outros termos que indicam a aderência temática à literatura japonesa, por exemplo: toda vez que ‘ficção’ é ponto de acesso principal, ‘romance japonês’ é utilizado como ponto de acesso secundário; no caso do termo ‘Japão’, apesar de ter 25 ocorrências, o termo comparece como ponto de

⁶ Nos dados enviados pela servidora da BMA consta Paulo Leminski como autor; ao acessar o catálogo online de acesso público, verificou-se que este teve a função de tradutor.

acesso principal em somente um registro, para o qual também foram estabelecidos os termos 'literatura japonesa' e 'poesia japonesa'; o termo 'Século 20' comparece como ponto de acesso principal em três registros (dois títulos), sempre associados ao termo 'romance japonês'. Isso incitou curiosidade científica para avaliar os termos por registro que explicitam a literatura japonesa como ponto de acesso principal, quando o quadro de maior ocorrência é: 'romance japonês' (176), 'contos japoneses' (32), 'teatro japonês' (20), 'Haikai' (12), e 'poesia japonesa' (10). Tratando-se dos pontos de acesso secundário, os termos: 'romance japonês' aparece em 70 registros, 'Haikai' em nove, e 'poesia japonesa' em 19. Tais fatores podem sugerir a necessidade de reavaliação da política de indexação de obras de literatura japonesa. Outro destaque quanto aos pontos de acesso de assunto é a quantidade de termos adotados: em 199 registros foram usados somente um termo, a saber: 'romance japonês' (172), 'contos japoneses' (20), 'poesia japonesa' (4), 'teatro japonês' (2) e 'poesia infantil japonesa' (1); ao passo que, em outros registros, foram adotados até oito termos. Tal ocorrência reforça a visão de que pode ser necessária revisão da política de indexação de obras de literatura japonesa pela BMA. Outro ponto é quanto aos gêneros literários, usados como assunto, como é o caso de 'romance japonês', 'ficção', 'contos japoneses', 'poesia japonesa', 'teatro japonês'; 'Haikai' que também é uma forma de poesia japonesa. Outra questão quanto aos termos, é a identificação de nacionalidade japonesa associada aos termos romance, contos, poesias e crônicas, mas não a ficção (como 'ficção japonesa', por exemplo), e às particularidades de 'histórias', com o uso de adjetivações como 'de Terror', 'antiutópicas', 'de humor negro', 'de policiais', 'de amor', 'de suspense', porém sem o uso de 'histórias japonesas'; há, inclusive, vários termos associados ao teatro japonês, com termos como 'teatro japonês', 'teatro', 'teatro Nô (gênero literário)', 'no (teatro japonês)', 'peças de Nô (teatro japonês)'.

Tratando-se das seções onde os registros estão localizados, 50% deles estão na Coleção Geral da BMA. Segundo São Paulo (2011a), essa seção foi criada em 1925 e contém itens de diversas literaturas, e da área de humanidades. Quanto ao restante dos registros, 43% estão localizados na Seção Circulante, essa seção de acordo com São Paulo (2022), engloba literatura estrangeira e brasileira, tem itens sobre todas as áreas do conhecimento; E por fim, 4% estão na Seção de Artes, que se constitui como uma coleção especial da Biblioteca Mário de Andrade com inúmeros recursos informacionais como livros, revistas e cartazes, e 3% encontram-se na seção

de Teatro.

Tendo sido apresentados e discutidos resultados que tratam da constituição do acervo de literatura japonesa na BMA, serão apresentados dados sobre atividades, produtos e serviços oferecidos pela biblioteca.

A busca por eventos voltados para a comunidade japonesa na BMA, foi feita através de uma pesquisa exploratória realizada no *Google* com os termos “Literatura japonesa”, “BMA” e “Biblioteca Mário de Andrade”. Dentre os resultados, optou-se por analisar as fontes para onde os links apontavam; a intenção era selecionar aqueles que trouxessem uma relação direta entre a biblioteca, a literatura japonesa e o público, divulgando as atividades que ocorreriam na instituição. Diante dos resultados obtidos, foram selecionadas como fontes: Japan Foundation (2011), São Paulo (2011b) e (2014), e o site publishnews (2016).

O evento mais antigo que foi identificado, cuja divulgação aconteceu tanto na página da Japan Foundation (2011), quanto no site de São Paulo (2011b) cita um seminário chamado “Lendo o Japão: a difusão da literatura japonesa no Brasil”, ocorrido em 24 de setembro de 2011, na BMA. A descrição do evento indicava a realização de uma apresentação de Kamishibai (técnica japonesa de narração de histórias por meio de desenhos) antes do início do seminário, cujo propósito estava em aproximar público e literatura japonesa de modo a despertar o interesse pela poesia japonesa.

Além da realização desse evento, foi identificado outro, ocorrido em 2014, tendo como fonte o site da Secretária de Cultura da Cidade de São Paulo, caracterizado como feira de mangás e quadrinhos. O evento, chamado “Semana do Japão”, foi realizado integralmente nas dependências da BMA e tinha como propósito celebrar a herança cultural japonesa no Brasil; foram promovidas cinco palestras sobre a cultura japonesa, três delas a respeito da arte tradicional japonesa, caligrafia shodô e arte/culinária, e outras duas sobre o diálogo entre o Japão e o Ocidente, com temas como música e tatuagem. Na programação estava prevista uma exposição sobre caligrafia japonesa e Mangás, oficinas sobre Shodô (caligrafia japonesa), Sumiê (pintura japonesa), Furoshiki (panos de embrulho japoneses), Gô (jogo milenar de tabuleiro) e origami para crianças. Ocorreram também exposições de filmes de animação, além de um espetáculo de Taikô (arte dos tambores japoneses).

Outro evento, de acordo com divulgação feita pelo site publishnews (2016), também aconteceu na BMA: a “II Semana do Japão”, especificamente entre os dias

18 e 24 de julho de 2016. Dentre as atividades estavam previstas produção de haicais (poesia japonesa), oficinas de origamis, meditação, apresentações de música, dança, mostra de filmes, feira gastronômica e exposições dos artistas Midori Hatakan e Helena Hashimoto, tendo havido, inclusive, uma oficina de culinária japonesa onde o público poderia aprender receitas de *yakisoba*, e *sushis*.

Esses foram os eventos encontrados como resultado da busca realizada e a partir das fontes selecionadas. Isso evidencia que foram realizadas poucas atividades com temática sobre a cultura e a literatura japonesa (2011, 2014 e 2016); além disso, diante das datas verificadas, percebe-se que não há um calendário que priorize a realização frequente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como foi evidenciado no referencial teórico, a história da comunidade nipo-brasileira percorre caminhos que vão desde a imigração japonesa, que se iniciou em 1908, quando os japoneses chegaram em São Paulo prontos para trabalhar nas fazenda de café; diante da situação vivenciada, muitos decidiram empreender suas forças na terra, no plantio de frutas e vegetais, utilizando métodos alternativos, de modo a fomentar e a favorecer a plantação de novos alimentos para o mercado brasileiro; isso resultou em uma verdadeira progressão da economia, com a formação de inúmeras colônias pelo Brasil.

O cenário do acervo da BMA de literatura japonesa pode ser assim caracterizado: foram identificados 341 exemplares, cujo material bibliográfico está classificado sob os códigos [1] 792.0952, [2] 895.61, [3] 895.62 e [4] 895.63. O título mais frequente é *Confissões de uma máscara*, de autoria de Yukio Mishima, cujos exemplares foram publicados pelas editoras Assírio e Alvim, Círculo do Livro, Companhia das Letras, Gallimard e Vertente. Dentre os títulos mais frequentes no acervo da BMA, dois autores se destacam: Haruki Murakami e Yukio Mishima. Quando se buscou pela nacionalidade das 87 pessoas que contribuíram para a produção literária japonesa, identificou que, 51 eram de origem japonesa. Quanto ao idioma das publicações, eminentemente em língua portuguesa, também foram identificados exemplares em inglês, francês, japonês e espanhol. Em se tratando de editoras, é notória a contribuição das editoras Estação Liberdade, Alfaguara, Companhia das Letras e Brasiliense, e da relevância da Aliança Cultural Brasil-Japão em parcerias editoriais.

Também é importante dimensionar a avaliação que se fez quanto à atribuição de termos do acervo de literatura japonesa da BMA: foram adotados termos que traziam a especificidade associada ao gênero, mas também notou-se o uso de termos gerais, quer seja para gênero, como foi o caso de ficção, ou aqueles de designação geográfica (Japão) e temporal (Século 20), sempre associados a termos específicos. Outro ponto, que também pode denotar a necessidade de reavaliação da política de indexação de obras de literatura japonesa refere-se à quantidade de termos associados a uma obra: 58,4% do acervo tem somente um termo, ao passo que há registros que foram utilizados oito termos. Outros questionamentos sobre a associação da nacionalidade ao gênero foram igualmente apresentados.

Além disso, é necessária uma reavaliação das políticas de catalogação da biblioteca, uma vez que os títulos equivalentes não estão presentes nos dados, exceto pela obra *Pôr-do-sol*, o que dificultou a identificação das outras obras traduzidas, complicando a recuperação de determinados títulos pelos usuários, não cumprindo o propósito de garantir a organização e a acessibilidade da informação. Nesse contexto, o Código de Catalogação Anglo-Americano 2ª edição (AACR2) apresenta algumas diretrizes para esses casos, exemplificando que deve haver três níveis de descrição dos registros, (regra 1.0D) colocando de forma específica o que deve ser registrado por bibliotecas e unidades da informação, baseada no propósito do catálogo para os quais a entrada é elaborada. Dessa forma, a lacuna presente para a identificação das edições equivalentes seria reduzida, contribuindo na perspectiva de catalogação da biblioteca, pois ao adotar os recursos presentes no Código de Catalogação, a instituição garante o acesso e a recuperação da informação.

Quanto às atividades, produtos e serviços oferecidos pela BMA voltados à temática japonesa, identificou-se três, realizados nos anos de 2011, 2014 e 2016, sem que fosse possível identificar regularidade nas ações. Essa configuração mostra que o material bibliográfico de literatura japonesa disponível no acervo da BMA é diverso e rico quanto aos temas. Apesar de ter sido identificado um acervo atinente à temática, se observarmos a proporção que assume diante do acervo da biblioteca, é notória a necessidade de reavaliação da política de desenvolvimento de coleções, a política de catalogação, a política de classificação, a política de indexação, mas, também, a atenção que se deva dar a atividades, produtos e serviços que destaquem o universo da cultura japonesa.

Desse modo, a Biblioteca Mário de Andrade reafirma seu papel como uma unidade da informação irradiadora de cultura. Com um acervo robusto de literatura japonesa, a dimensão social da BMA se amplia, favorecendo a potencialidade de preservação da cultura japonesa e contribuindo para o enriquecimento de ações como a promoção da cidadania, o que geraria novas camadas do saber. Tal prática auxilia tanto na união quanto na organização e preservação da cultura do Japão, cuja informação e memória poderão ser transmitidas para outros grupos, expandindo e divulgando as capacidades da BMA – enquanto biblioteca pública –, da comunidade nipo-brasileira e de sua presença no Brasil por meio do acervo de literatura japonesa.

Outrossim, destaca-se que, a partir dos resultados desta pesquisa, outros estudos podem ser incentivados, quer seja aqueles voltados à configuração da

literatura japonesa em diferentes unidades da informação, como museus, institutos, universidades etc., mas, também, pela contribuição social e profissional que pode suscitar, principalmente quanto às políticas de tratamento da informação da BMA.

REFERÊNCIAS

- ALESP (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo). **História da imigração japonesa no Brasil**. 10 jan. 2008. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=288309#:~:text=A%20imigra%C3%A7%C3%A3o%20japonesa%20no%20Brasil,al%C3%A9m%20de%2012%20passageiros%20independentes>. Acesso em: 24 jul. 2022.
- ALIANÇA CULTURAL BRASIL-JAPÃO. **Sobre nós**. [2023?]. Disponível em: <https://site.aliancacultural.org.br/quem-somos-2/>. Acesso em: 29 ago. 2023.
- ALMEIDA, M. S. G. Hagoromo Concreto: peça poema. **Hon No Mushi**: estudos multidisciplinares japoneses, [s. l.], v. 4, n. 7, 19 nov. 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/HonNoMushi/article/view/6698>. Acesso em: 05 dez. 2024.
- AMORIM, L. S. **Biblioteca Mário de Andrade**: a incorporação do patrimônio cultural e arquitetônico no urbano contemporâneo. 2020. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020. Disponível em: https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/61008/Dissertacao_mestrado_la_issilvaamorim_2020.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 24 jul. 2022.
- ANDRADE, M. C. R. O papel das revisões de literatura na produção e síntese de conhecimento científico em psicologia. **Gerais**: Revista Interinstitucional em Psicologia, Belo Horizonte, v. 14, n. esp., dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36298/gerais202114e23310>. Acesso em: 04 de maio 2024.
- ANDRADE, R. P. Desvario de comunicação possível para a biblioteca da pauliceia: a Mário de Andrade de Mário de Andrade. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 2, p. 77–86, 2010. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v15i2p77-86. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/44827>. Acesso em: 05 jun. 2024.
- AOKI, T. JNTO anuncia Tourist Information Desk na Japan House São Paulo. **Japan Endless Discovery**. 2022. Disponível em: <https://www.japan.travel/pt/br/press-release/jnto-anuncia-tourist-information-desk-na-japan-house-sao-paulo/#:~:text=Desde%202017%2C%20a%20institui%C3%A7%C3%A3o%20pr%20moveu,de%20dois%20milh%C3%B5es%20de%20visitantes>. Acesso em: 15 out. 2022.
- ARDUINI, S. S. A.; PERROTTI, E. Rubens Borba por uma biblioteconomia empenhada e antropofagista. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANCIB, 2021. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/download/538/148>. Acesso em: 15 out. 2022.
- ARARIPE, F. M. A. Do patrimônio cultural e seus significados. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 111-122, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/9kRv9WpprV9j5jM5NMNPBSL/?lang=pt>. Acesso em: 09 fev. 2025.

CARLOS, G. S. Identidade(s) no consumo da cultura pop japonesa. **Lumina**, [s. l.], v. 4, n. 2, 2010. DOI: 10.34019/1981-4070.2010.v4.20931. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20931>. Acesso em: 07 jan. 2023.

CERQUEIRA SOBRINHO, M. M. **O espartano e o samurai como arquétipos do masculino maduro em Portões de Fogo de Steven Pressfield e Musashi de Eiji Yoshikawa**: um estudo comparado. 2019. Dissertação (Mestrado em Literatura e Práticas Sociais) – Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/35011>. Acesso em: 25 jul. 2022.

CHICKEN OR PASTA. **Biblioteca Mário de Andrade**: 24 horas de cultura no centro de São Paulo. 2016. Disponível em: <https://chickenorpasta.com.br/2016/biblioteca-mario-de-andrade-24-horas-de-cultura-no-centro-de-sao-paulo>. Acesso em: 10 fev. 2025.

DINIZ, M. Conheça cidades brasileiras que mantêm tradições japonesas. **Catraca Livre**, [s. l.], 20 jun. 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/viagem-livre/conheca-cidades-brasileiras-que-mantem-tradicoes-japonesas/>. Acesso em: 25 jul 2022.

DUARTE, A. L. A criação do estranhamento e a construção do espaço público: os japoneses no Estado Novo. **Acervo**: Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 129-146, 1997. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/44619>. Acesso em: 23 set. 2022.

ESTAÇÃO LIBERDADE. **Kawabata Yasunari**. 2024a. Disponível em: https://www.estacaoliberalidade.com.br/kawabata-yasunari?srsId=AfmBOopflfjAkF-VoUNDbYWqq9iLEUcxN_ow7hsGFNiJRIWmjf_5yQR. Acesso em: 27 set. 2023.

ESTAÇÃO LIBERDADE. **Eiji Yoshikawa**. 2024b. Disponível em: https://www.estacaoliberalidade.com.br/yoshikawa-eiji?srsId=AfmBOor6KLBTRUtN5VqTvwNyoAG-Qo-Huo5bdxkk8SC506C9kt_Q4YdN. Acesso em: 27 set. 2023

ESTAÇÃO LIBERDADE. **Sobre a Editora**. 2024c. Disponível em: <https://www.estacaoliberalidade.com.br/sobre-a-editora>. Acesso em: 03 out. 2023.

FERREIRA, C. J; BOTTOS JÚNIOR, N. A literatura de Haruki Murakami: percurso e revelações. **Hon no Mushi**: Estudos Multidisciplinares Japoneses, Manaus, v. 3, n. 5, p. 14-36, abr. 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/HonNoMushi/article/view/5329>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FIGUEIREDO, N. M. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

FRADE, G. Doze poemas de Matsuo Bachô. **Revista 5% Arquitetura + Arte**, São Paulo, v. 1, n. 20, p. 1-16, jul./dez./2020. Disponível em: <http://revista5.arquitetonica.com/index.php/poesia/doze-poemas-de-matsuo-basho>. Acesso em: 22 ago. 2023.

GARBACCIO, G. L.; BOTALLO, M. F.; SIQUEIRA, L. N. A função social da cidade: um estudo de caso do equipamento urbano – Biblioteca Mário de Andrade. **Revista da AGU**, Brasília, v. 17, n. 3, p. 149-164, jul. 2018. Disponível em: <https://revistaagu.agu.gov.br/index.php/AGU/article/view/906>. Acesso em: 31 de maio 2024.

GERALDO MAYRINK. **Massao Ohno, um samurai das sombras**. 2004. Disponível em: <https://geraldomayrink.com.br/literatura/massao-ohno-um-samurai-da-sombra/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOÉS, A. D. T; ASSUMPÇÃO, T. A. A; BRITO SANCHEZ, R. A contribuição tecnológica dos imigrantes japoneses para o Brasil. **Brasil Para Todos**, [s. l.], v. 8, n. 1, jul. 2020. Disponível em: https://ojs.eniac.com.br/index.php/Anais_Sem_Int_Etn_Racial/article/view/699. Acesso em: 15 de maio 2024.

GUIMARÃES, I. **Um equilíbrio de histórias: diversidade e representatividade nas coleções das bibliotecas públicas brasileiras**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/24511>. Acesso em: 13 de jul. 2022.

HAYASHI, R. K. S. O interdito e o jamais-dito: a vigilância dos corpos e o silenciamento dos prazeres em Kenzaburo Oe. **Darandina Revista eletrônica**, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/darandina/article/view/28277>. Acesso em: 27 ago. 2023.

HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO. [2018?]. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/110anos/110.html>. Acesso em: 09 fev. 2025.

HOMMA, A. K. O. Os japoneses na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, Manaus, v. 9, n. 1, p. 113–133, 2012. DOI: 10.29327/233099.9.1-8. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/297>. Acesso em: 18 maio 2024.

HONDA, S. G. H. Romancista como vocação, de Haruki Murakami. **Dialogia**, São Paulo, n. 27, p. 169-175, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/7749>. Acesso em: 20 ago. 2023.

ISCHIDA, C. A. **A experiência Nikkei no Brasil: uma etnografia sobre imaginários e identidades**. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002152425>. Acesso em: 19 jun. 2022.

JAPAN FOUNDATION SÃO PAULO. **Acontece na biblioteca Mário de Andrade**. 2011. Disponível em: <https://fjso.org.br/agenda/biblioteca-mario-de-andrade/>. Acesso em: 15 set. 2023.

JAPAN FOUNDATION SÃO PAULO. **Institucional**. 2024. Disponível em: <https://fjfsp.org.br/institucional/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

JAPAN HOUSE. **Japan House São Paulo**. 2022. Disponível em: <https://www.japanhouse.jp/pt/what/saopaulo.html> . Acesso em: 12 de jul. 2022.

JULIÃO, M. S; MEDEIROS, M. M.; SILVA, L. A. R. Figurações do luto no conto “Os Pássaros” de Kentaburo Oe. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v. 9, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/585/343>. Acesso em: 27 ago. 2023.

KAJIMOTO, N.; CAVALCANTE, L. E.; VITORIANO, M. C. C. P. Informação, memória e documento: estudo sobre as associações japonesas em Marília, São Paulo. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 67-85, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/22738>. Acesso em: 19 de ago. 2022.

KEMPINSKA, O. D. G. O estrangeiro na obra de Tanizaki. **Revista Contexto**, Vitória, n. 35, p. 339-385, jan. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/23030>. Acesso em: 21 ago. 2023.

KONAGANO, M. 80 anos de imigração japonesa na Amazônia: sistema agroflorestal - uma solução para o desenvolvimento na Amazônia. **Inclusão Social**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 51-57, 2017. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/3880>. Acesso em: 12 jul. 2023.

KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa. *In*: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 4., 2015; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO, 6., 2015, Aracaju. **Atas CIAIQ 2015**. Aracaju: Unit, 2015. Disponível em: <https://hemeroteca.unad.edu.co/index.php/revista-de-investigaciones-unad/article/viewFile/1455/1771>. Acesso em: 24 jul. 2022.

LEE, H. O. **Imaginário e drama da individuação em Yukio Mishima**. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-8MXQHU>. Acesso em: 25 ago. 2023.

LE MOS, A. A editora brasileira e a oposição à ditadura militar civil-militar brasileira. **Revista Crítica Histórica**, [s. l.], v.5, n.10, 2014. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2955>. Acesso em: 27 ago. 2023.

LEONEL, S. **A morte e as perversões em “A casa das belas adormecidas”**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9877/LEONEL%2C%20SAMARA.pdf?ssequence=1>. Acesso em 28 ago. 2023.

LIANG, W.; JATOBÁ, J. R.; DURAZZO, L. Composição poética do oriente ao ocidente: *Jueju de dufu, Haiku de Matsu Bachô e Haikai de Guilherme de Almeida*. **Transversal**: Revista em tradução, Fortaleza, v.1, n. 2, p. 29-47, 2015. Disponível em: <https://repository.um.edu.mo/handle/10692/28231>. Acesso em 24 ago. 2023.

LOTTO, A. I. **A Biblioteca Mário de Andrade: um espaço das histórias vivas**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/f265d301-e027-4a86-8dd1-e098c7474d92>. Acesso em: 03 jul. 2023.

LÓPEZ, M. L. Vida e carreira do maior editor independente do Brasil. **Jornal da USP**. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/vida-e-carreira-do-maior-editor-independente-do-brasil/>. Acesso em: 29 ago.2023.

LUYTEN, S. M. B. Mangá produzido no Brasil: Pioneirismo, experimentação e produção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO. 26. 2003, Belo do Horizonte. **Intercom**, 2003, p.1-16. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/168852646868454336879017132244134098721.pdf>. Acesso em: 02 jun 2023.

MACHADO, C. A; DUARTE, R. M. Animencontros: a relação da cultura midiática pop japonesa com grupos de jovens brasileiros. **Ação Midiática**, n. 13, p. 217-240, jun. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318121278_Animencontros_a_relacao_da_cultura_midiatica_pop_japonesa_com_grupos_de_jovens_brasileiros. Acesso em: 12 jun. 2023.

MARTINS, G. A. **Cheguei na boca da noite, saí de madrugada: usuários de informação, desigualdade social e praxiologia receptiva no projeto Biblioteca Mário de Andrade 24 horas**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <https://164.41.168.37/handle/10483/31535>. Acesso em: 28 jun. 2023.

MENEGUEL, C. R. A. ALBUQUERQUE, L. R. A importância de eventos culturais para bibliotecas públicas – estudo de caso: biblioteca Mário de Andrade/ SP. **Revista Eletrônica de Tecnologia e Cultura**, [s. l.], v.12, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/24027031/A_import%C3%A2ncia_de_eventos_culturais_para_bibliotecas_p%C3%BAblicas_Estudo_de_caso_Biblioteca_M%C3%A1rio_de_Andrade_SP_The_cultural_events_of_importance_for_libraries_publics_Case_Study_Library_M%C3%A1rio_de_Andrade_SP. Acesso em: 04 de jun. 2024.

MINHA história: Valls. [s. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (27 minutos). Publicado pelo canal Biblioteca Mário de Andrade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F8XwQcUr-As>. Acesso em: 12 jun. 2024.

NAGAE, N. H. Literatura Japonesa – Um olhar curioso sobre produções curiosas. **Fundação Japão em São Paulo**, 2012. Disponível em: <https://fjisp.org.br/estudos-japoneses/wp-content/uploads/sites/3/2012/11/literatura-japonesa-neide-nagae.pdf>. Acesso em: 23 de maio 2024.

NAKAMURA, M. T.; CRIPPA, G. Memória e identidades nipo-brasileiras. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 7, n. 2, 2014. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/321>. Acesso em 18 de set. 2022.

NISHI, M. A literatura dos japoneses no Brasil e a questão do cabloco. **Estudos japoneses**. [s. l.], n. 34, p. 91-107. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/download/127672/124701/243676>. Acesso em: 25 jun. 2023.

NUNES, G. C.; NASCIMENTO, M. C. D.; LUZ, M. A. C. A. Pesquisa científica: conceitos básicos. **Revista Multidisciplinar de Psicologia**, [s. l.], n. 29, p. 144-151, 2016. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/390/527>. Acesso em: 10 jun. 2023.

OKUBO, W.; SILVA, I. M.; D'ANGELO, R. C. Preservação da coleção de periódicos da Biblioteca Mário de Andrade. **CRB8 Digital**, São Paulo, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.crb8.org.br/ojs/crb8digital>. Acesso em: 25 jun. 2023.

OLIVEIRA, A. C. **Japoneses no Brasil ou brasileiro no Japão**: A trajetória de uma identidade em contexto migratório Campinas, 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 1997. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_5f72dcb7ad0878c53355076484af1b62. Acesso em: 30 ago. 2023.

PAIVA, G. J. A literatura católica contemporânea no Japão. **Revista USP**, São Paulo, n. 79, p. 183-194, set./nov. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13704/15522/16679>. Acesso em: 25 ago. 2023.

PAIVA, O. C. Territórios da migração na cidade de São Paulo: Entre a afirmação e negação da condição de imigrante. **Ideias**, Campinas, v. 2, n.1, p.13-30, 2011. DOI: 10.20396/ideias.v2i1.8649328. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649328>. Acesso em: 04 maio 2024.

PIRES, R. S. **Os outros japoneses**: festivais e construção identitária na comunidade okinawana da cidade de São Paulo. 2016. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-12122016-105304/pt-br.php>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PIZA, V. M. P. T. **Moderno e pioneiro**: a formação do acervo de artes visuais da Biblioteca Mário de Andrade na gestão de Sérgio Milliet (1943-1959). 2018. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-25092018-114527/pt-br.php>. Acesso em: 17 jul. 2023.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C.; BELLO, S. F.; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 53-66, dez. 2012. Disponível em:

https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896/pdf_28.

Acesso em: 30 jun. 2024.

POMPÉO, W. A. H. História (do Tempo Presente), memória e trauma na Ditadura do Estado Novo no Brasil (1937-1945). **Cadernos do Tempo Presente**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 17–27, 2019. DOI: 10.33662/ctp.v9i2.11167. Disponível em:

<https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/11167>. Acesso em: 15 maio. 2024.

PUBLISHNEWS. **Biblioteca Mário de Andrade dedica semana ao Japão**. 2016.

Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2016/07/15/biblioteca-mario-de-andrade-dedica-semana-a-literatura-japonesa>. Acesso em: 12 set. 2023.

PUGLISI, M. L.; FRANCO. B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 79 p. 2005.

RAMOS, A. M. T. **Musashi: da história para literatura**. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Assis. 2022. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/305c1f21-cf2d-42b1-89c7-3b76d35d3821/content>. Acesso em: 22 out. 2023.

REVISTA USP. **Imigrantes indesejáveis**. A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas. São Paulo, RevistaUsp, 2018. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/151581/148543>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ROCCO. **Editora**. 2024. Disponível em: <https://rocco.com.br/rocco/>. Acesso em: 29 ago.2023.

ROCHA, D. Autoimolação por lealdade. **Miscelânea**: Revista de Literatura e Vida Social. Assis, v.28, p. 279-286. 2021. Disponível em:

<https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1671>. Acesso em: 20 ago. 2023.

ROSA, M. 6 países com a maior comunidade japonesa fora do Japão. **Mundo Nipo**, [s. l.], 07 mar. 2019. Disponível em: <https://mundo-nipo.com/cultura-japonesa/historia-do-japao/07/03/2019/5-paises-com-a-maior-comunidade-japonesa-fora-do-japao/>.

Acesso em: 24 de jul. 2022. Artigo criado originalmente em 2013.

ROSSINI, R. É. O Brasil no Japão: a conquista do espaço dos *nikkeis* do Brasil no Japão. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14, Caxambu, 2004. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2004.

ROTHER, E. T. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. **ACTA**, São Paulo, v. 20, n. 2, jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.

Acesso em: 04 de maio 2024.

SAKURAI, C. **Os Japoneses**. 2ª ed. São Paulo, Contexto, 2007.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D.; **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021. (Coleção Metodologias de Pesquisa)

Sant'Ana, R. V. Coleções formadoras das obras da seção de obras raras da Biblioteca Mário de Andrade. *In*. NACIONAL Biblioteca. **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, Fundação da Biblioteca Nacional, 2018, p. 113– 30.

SANTOS, M. C. B. **OS IMIGRANTES JAPONESES NO BRASIL**: a inserção e a adaptação à sociedade brasileira após a segunda guerra mundial. 2016. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/10856>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SANTOS, F. N.; VALLS, V. M. A classificação do acervo da biblioteca particular de Mário de Andrade. *In*: ZAFALON, Z. R.; *et al* (org.). **Recursos de pesquisa em ciência da informação organização da informação e do conhecimento e aplicações tecnológicas**. São Paulo: Abecin editora, 2021. p. 107-119. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/266>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Cultura e Economia Criativa. **Acervos**. 11 jan. 2022. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/bma/acervos/22675>. Acesso em: 24 jul. 2022.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa. **Cultura japonesa é tema de encontros na Biblioteca Mário de Andrade**. 2014. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/noticias/16186>. Acesso em: 28 set. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa. **Lendo o Japão**: a difusão da literatura japonesa no Brasil. 2011b. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/bma/noticias/9467>. Acesso em: 28 set. 2023.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa. **Visite a coleção geral da Biblioteca Mário de Andrade**. 2011a. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/bma/noticias/9018>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SASAKI, E. A imigração para o Japão. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 99-117, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10150>. Acesso em: 15 de maio 2024.

SEVERIANO, L. A. N.; MACHADO, E. C. O Serviço de Informação ao Cidadão da Biblioteca Mário de Andrade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 42-65, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/547>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SHIMON, M. 130 anos: uma trajetória da literatura japonesa moderna. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 18, p. 113-118, dez. 1997. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/247874>. Acesso em: 12 jun. 2024.

SILVA, J. L. C.; SAMPAIO, D. A. Reflexões sobre usuários e não-usuários de bibliotecas: limitações e perspectivas. **PontodeAcesso**, Salvador, v.7, n.2, p. 132-157, ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4499>. Acesso em: 13 de jul. 2022.

SILVA, V. F. Feminismo e revolução francesa sob o olhar de uma japonesa: a Rosa de Versalhes como duplo marco da indústria japonesa de Mangá. **Revista Cajueiro**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 76-116, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Cajueiro/article/view/13779>. Acesso em 18 de maio 2024.

SILVEIRA, D. F.; CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SILVEIRA, F. J. N. Biblioteca pública, memória e representações sociais: o depoimento de um grupo de usuários acerca da Mário de Andrade. **Investigación Bibliotecológica**, México, v. 26, n. 57, p. 199-231, maio/ago, 2012a. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/33844/30896>. Acesso em: 17 de jul. 2023.

SILVEIRA, F. J. N. Biblioteca pública, memória e discursos identitários: uma leitura sócio-histórica dos depoimentos colhidos pelo Projeto Memória Oral da Biblioteca Mário de Andrade (BMA). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 5, n. 1, 2012b. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/274/274>. Acesso em: 17 de jul. 2023.

SOUZA, Y. N. **A comunidade Uchinanchu na era da globalização**: contrastando "okinawanos" e "japoneses". 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: http://www.dan2.unb.br/images/doc/Dissertacao_256.pdf. Acesso em: 22 jun. 2023.

SUAIDEN, E. J. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **IBICT**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/887/922>. Acesso em: 12 de jul. de. 2023.

SUDA, J. R., **Identidade social em movimento: a comunidade japonesa na Grande Vitória (ES)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3052>. Acesso em: 24 jul. 2023.

TAKEUCHI, M. Y. A comunidade japonesa no Brasil (1908 – 1924). Quistos étnicos ou espaços de identidade imigrante. **Storicamente**, [s. l.], v. 5, n.9, p. 1-14, 2009. Disponível em: <https://storicamente.org/sites/default/images/articles/media/1105/migrazioni-takeuchi.pdf>. Acesso em: 15 de maio 2024.

TARQUETTE, S. R.; BORGES. L. **Pesquisa Qualitativa para todos**. Petrópolis: Vozes, 2020.

TANNO, I. K. **O RACISMO ANTINIPÔNICO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA SÉRIE DE ARTIGOS “PERIGO AMARELO” DE VIVALDO COARACY (1942)**. 2021. TCC (Graduação) – Curso de Jornalismo, Faculdade Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

UENO, L. M. M. O duplo perigo amarelo: o discurso antinipônico no Brasil (1908-1934). **Estudos Japoneses**, [s. l.], n. 41, p. 101-115, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/170435>. Acesso em: 22 jun. 2023.

VEJMEKKA, M. O Japão na literatura brasileira atual. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [s. l.], n. 43, p. 213–234, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/gq4SmzkHFJfzk74zmxFtgpL/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

VIDRO PLANO. **Biblioteca Mário de Andrade (SP) recebe obra de arte com vidro**. 2016. Disponível em: <https://abravidro.org.br/punoticias/biblioteca-mario-de-andrade-em-sp-recebe-aplicacao-de-obra-de-arte-com-vidro/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

VIVADECOR. **Japan House**: história, arquitetura e + 10 motivos para conhecer. 2022. Disponível em: <https://arquitetura.vivadecora.com.br/japan-house/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ZAFALON, Z. R. Biblioteca em tempo real: o acesso em foco: proposta crítica do modelo de organização da informação na contemporaneidade. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, vol. 6, n. 1, p. 61-83, 2008. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/15289/>. Acesso em: 17 jun. 2024.